

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Outubro - 2022
Ano LXXIII - Nº 8
R\$ 12,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 12,00



Artes visuais em revista

História do Correio das Artes registra a relação entre as artes plásticas e a literatura, imprimindo, em suas páginas, o traço de alguns dos mais prestigiados artistas da Paraíba



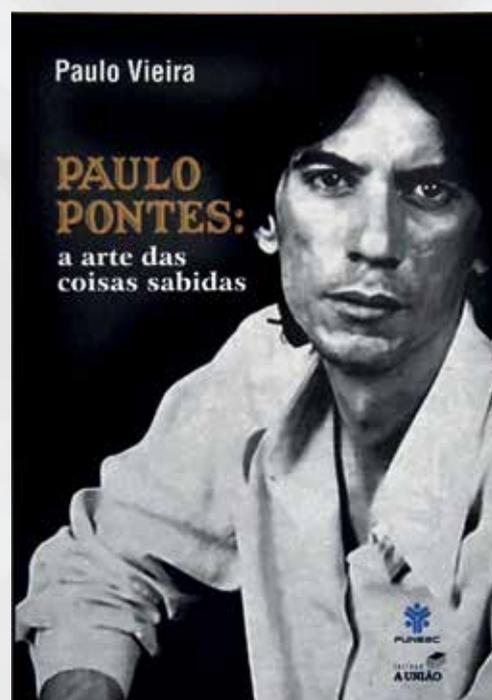
R\$ 30,00



R\$ 35,00



R\$ 30,00



R\$ 35,00

MARKETING EPC / Fotos: @edsonmatosfotos

A Editora A União tem o melhor da literatura paraibana.
ADQUIRA SEU LIVRO!

Contato comercial:
(83) 98885-3199

A UNIÃO



Edição de colecionador

Parabéns, querido leitor ou leitora, pela revista que tens em mãos! A multiplicidade de assuntos trazidos, neste **Correio das Artes**, aliado ao elenco que aqui escreve, torna a edição de outubro um verdadeiro item de colecionador.

Começando pelos dois textos da repórter Alexandra Tavares, um sobre o importante papel que o **Correio das Artes** teve, ao longo dos anos, em dialogar, enquanto suplemento literário, com as artes visuais.

Na reportagem, o leitor vai conhecer e, eventualmente se surpreender, com os grandes nomes da nossa arte que ensinaram e aprenderam com a publicação, um feito raro e histórico, haja vista que não há, hoje, uma plataforma, nem analógica, nem digital, com esse tipo de interação.

O outro material da repórter Alexandra é um belo e profundo perfil da professora, escritora e imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), Ângela Bezerra de Castro. Aqui, você irá conhecer um pouco mais da história e da vida privada da primeira mulher da história a presidir a APL.

Mas há muito mais: numa feliz conjugação de fatores, o professor Marcílio Franca publica, aqui, uma entrevista exclusiva com a policial belga Kim Covent, especialista em segurança de museus e galerias de arte.

Também temos um perfil de Lygia Fagundes Telles assinado por outro imortal da APL, o professor José Mário da Silva, e um recorte importantíssimo da biografia de Darcy Ribeiro, que teria feito 100 anos em 26 de outubro, construído pelo jornalista

Fernando Melo.

E na música, dois biscoitos finos: o professor Francelino Soares nos brinda com uma valiosa biografia do sambista Noël Rosa, e a professora Genilda Azerêdo volta ao **Correio das Artes**, desta vez para analisar a turnê 'Que tal um samba?', que une Chico Buarque e Mônica Salmaso.

Por fim, mas não menos importante, temos a estreia de uma nova colunista, a escritora Larissa Rodrigues, que a partir deste número passa a assinar 'Afinal, o que quer uma mulher?', compondo, bimestralmente, o time que inclui os professores Hildeberto Barbosa Filho, Milton Marques Júnior e João Batista de Brito.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



IMORTAL

Primeira mulher a presidir a Academia Paraibana de Letras, Ângela Bezerra de Castro chegou aos 80 anos com o lançamento de uma antologia.



EXCLUSIVO

De passagem pela Europa, o professor Marcílio Franca conversou com a policial belga Kim Covent sobre segurança em museus e galerias.



CENTENÁRIO

Autor de 'O Povo Brasileiro', o antropólogo Darcy Ribeiro trabalhou com Marechal Cândido Rondon e o educador Anísio Teixeira.



MÚSICA

O samba de Noël Rosa revelou um dos grandes poetas da música brasileira. Conheça a história do cantor e compositor carioca.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio C. Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

Correio das Artes: o diálogo entre imagem e texto

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Um leitor da geração atual dificilmente vai se ater a uma publicação impressa - seja folder, livro, jornal ou revista -, sem que o informativo esteja acompanhado de cores, desenhos, fotografia ou outro componente visual que chame a atenção. Nada mais justificável na geração conectada do século 21, de sentidos ávidos por atrativos que

vão bem além de letras e números. Surpreendente, porém, é pensar que na Paraíba, há mais de 70 anos, um veículo impresso na Gráfica A União já investia em elementos que deixassem as páginas não apenas mais “arejadas”, como também reforçassem ou até ampliassem a mensagem dos escritores, atizando a curiosidade do leitor.

Era o *Correio das Artes*, suplemento literário considerado uma verdadeira escola para muitos artistas visuais. Inúmeros pintores, ilustradores, cartunistas, gravadores, designers e chargistas colaboraram com a publicação que, desde sua origem, em 1949, descobriu e apoiou talentos que fazem parte da história deste espaço de debates das mais variadas áreas culturais.

Entre estes nomes estão o saudoso Hermano José (1922-2015), Fred Svendsen, Mike Deodato, Domingos Sávio e Tônio, só para citar poucos exemplos. Um dos profissionais que conheceu bem de perto a trajetória do *Correio das Artes* e teve vários textos ilustrados por alguns desses artistas foi o poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, que foi conselheiro do suplemento quando a editoria estava sob os cuidados do poeta e escritor Sérgio de Castro Pinto, na década de 1980.

Segundo Hildeberto, o suplemento literário de A União “é o portal de entrada do escritor e também dos artistas na cena cultural do Estado e do país”. “Abrindo espaço para novos e consagrados, cria um ambiente vivo de debates e de criatividade, constituindo, por isto mesmo, não somente um acervo documental dos mais ricos e variados, mas também, e sobretudo, um espelho concreto da arte e da literatura que se fazem por aqui”.

Para ele, a presença dos recursos visuais e a atuação desses profissionais em sintonia direta com a produção textual têm importância indiscutível no veículo impresso. “Além de estabelecer um diálogo sensível e inteligente com os textos, o trabalho dos artistas visuais areja as páginas do suplemento, estetizando, assim, a configuração gráfico-visual das colunas, dos artigos, ensaios e poemas publicados”.



Tela do pintor Hermano José ilustra edição especial do 'Correio das Artes': colaboração que teve início no primeiro número e se estendeu por cinco décadas

► Hildeberto enfocou que o cuidado com a arte final, a partir das ilustrações, charges, vinhetas e outros recursos tipográficos sempre foi uma das preocupações das sucessivas editorias da revista. Um dos artistas que ilustrou textos de Hildeberto foi Fred Svendsen, pintor, desenhista e escultor que passou a atuar no *Correio das Artes* e no *Jornal A União* ainda na década de 1970.

Fred declarou que a oportunidade de se engajar na empresa estatal surgiu após ele conhecer o editor do suplemento na época, o poeta, cineasta e jornalista Jurandy Moura. “Para mim, a oportunidade foi muito importante, porque era bem jovem e tive a oportunidade de ganhar dinheiro, e ao mesmo tempo de ler textos de grandes escritores, pois existiam poucos suplementos literários no país”, destacou.

Fred, que atualmente já fez capas de inúmeros livros e consolidou-se no mercado paraibano como artista visual, contou que a experiência também lhe possibilitou conhecer os textos de Nélida Piñon, Fernando Sabino, Affonso Romano de Sant’Anna, Carlos Drummond de Andrade e outros notáveis escritores brasileiros que tinham os trabalhos publicados no suplemento de *A União*.

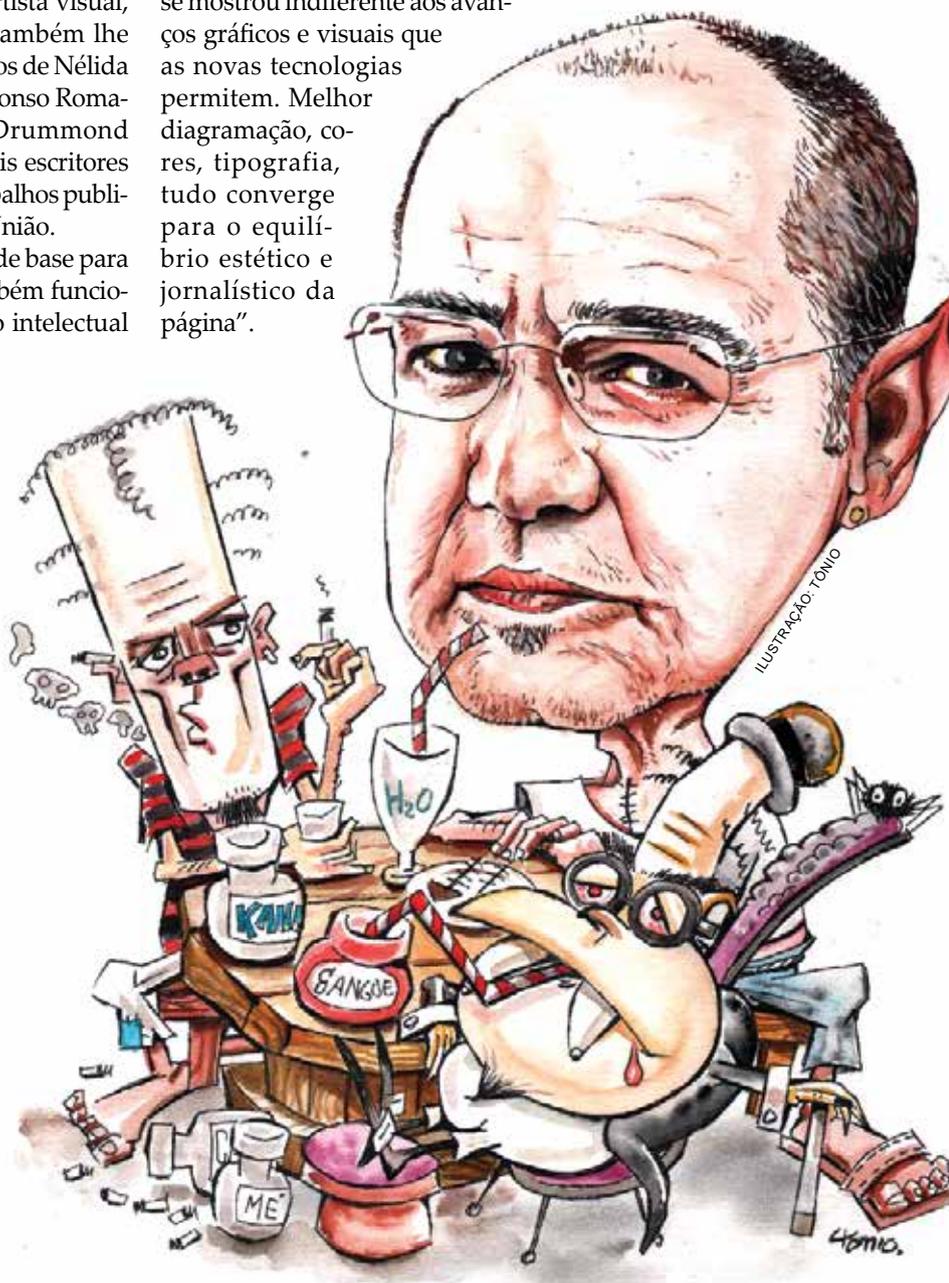
As leituras, que serviam de base para a criação dos desenhos, também funcionavam como uma formação intelectual

para os jovens iniciantes. “Éramos ainda estudantes e tivemos essa outra formação. A gente lia o poema, o texto de um grande escritor, fazia a interpretação do trabalho e ilustrava. Então, não só para mim, mas para muitos artistas visuais, o *Correio das Artes* foi uma grande escola”, declarou Svendsen.

Segundo Hildeberto Barbosa, os artistas visuais como Svendsen e tantos outros tinham e ainda têm o papel de “enriquecer a mensagem textual, na medida em que os traços artísticos funcionam como janelas para ativar a imaginação dos leitores e, em certo sentido, ampliar o conteúdo da expressão verbal”.

Importante ressaltar que o veículo impresso, que deu seus primeiros passos há 73 anos, se modernizou, mantendo a qualidade do conteúdo e seguindo a evolução dos componentes visuais. “O velho suplemento de *A União*, hoje revista, não se mostrou indiferente aos avanços gráficos e visuais que as novas tecnologias permitem. Melhor diagramação, cores, tipografia, tudo converge para o equilíbrio estético e jornalístico da página”.

Uma autocaricatura de Tônio, feita pelo próprio artista, que há mais de 40 anos atua no *Correio das Artes* e no *Jornal A União*



DOS CLICHÊS À INFORMATIZAÇÃO

O artista visual Dyógenes Chaves explicou que na época em que foi criado o *Correio das Artes*, no final da década de 1940, não existia o offset no trabalho das publicações impressas. Para se fixar uma ilustração em um jornal, por exemplo, era preciso confeccionar clichês (carimbos feitos a partir dos desenhos) que se juntavam à tipografia. Essa dinâmica exigia uma grande mão de obra, bem diferente da realidade atual, em que tudo é feito com a ajuda do computador. “Por isso, vale dizer que os artistas que gostavam de desenhar foram os que mais colaboraram com o *Correio das Artes* nesse início”.

Na lista de colaboradores daqueles tempos, ele citou a participação dos chamados “filhos” da geração de 59 e 60 – que vai de Hermano José a Raul Córdula, com ênfase para Archidy Picado, Olívio Pinto, entre outros. “Geralmente, os artistas dessa geração eram muito ligados aos poetas, eles eram amigos e tinham uma vida social em comum. Era como se dissessem: um amigo meu está ilustrando uma poesia que fiz”, enfatizou.

Nas décadas de 1980 e 1990, começaram a surgir outros artistas visuais como Sandoval Fagundes. “E no decorrer do tempo passaram a colaborar também funcionários do Jornal A União, que é o caso de Domingos Sávio e Tônio”.

Dyógenes frisou que nesse período, o número de galerias de arte na Paraíba era bastante reduzido, comparado a hoje. Por isso, a participação dos artistas visuais no *Correio das Artes* tinha também o papel de propagar o trabalho desses profissionais.

las autoridades. Então, um mecenas comprou obras de Raul para que ele fosse embora para o Rio de Janeiro, pois não existia um mercado de artes. Por isso, acredito que o *Correio das Artes* ajudou a divulgar o trabalho de vários artistas, numa colaboração entre parceiros”.

Anos depois do regime totalitário e com a chegada dos computadores e o avanço da tecnologia, os desenhos passaram a ser digitalizados. Novos softwares começaram a auxiliar o trabalho dos artistas. “O serviço ficou mais fácil porque as impressoras passaram a ser comandadas a partir de computadores. Aí você já usa cores e pode fazer colagem. Acho que aumentou o repertório dos artistas plásticos com relação ao estilo, à categoria de obras que eles usavam para ilustrar nos veículos impressos”, disse Dyógenes.

“Era uma forma de valorização desse trabalho, do artista se mostrar, de divulgar o trabalho deles, porque o mercado de arte nesse tempo não existia. O que havia eram colecionadores, uma espécie de mecenas, pessoas de certo poder aquisitivo que adquiriam obras desses artistas no intuito de ajuda-los”.

Uma história contada por Dyógenes ilustra bem essa realidade. Ainda na ditadura militar, o pintor e artista gráfico Raul Córdula teve uma exposição censurada pelo regime ditatorial. “Devido a essa situação, o melhor era ele sair da Paraíba, para não ser perseguido pe-

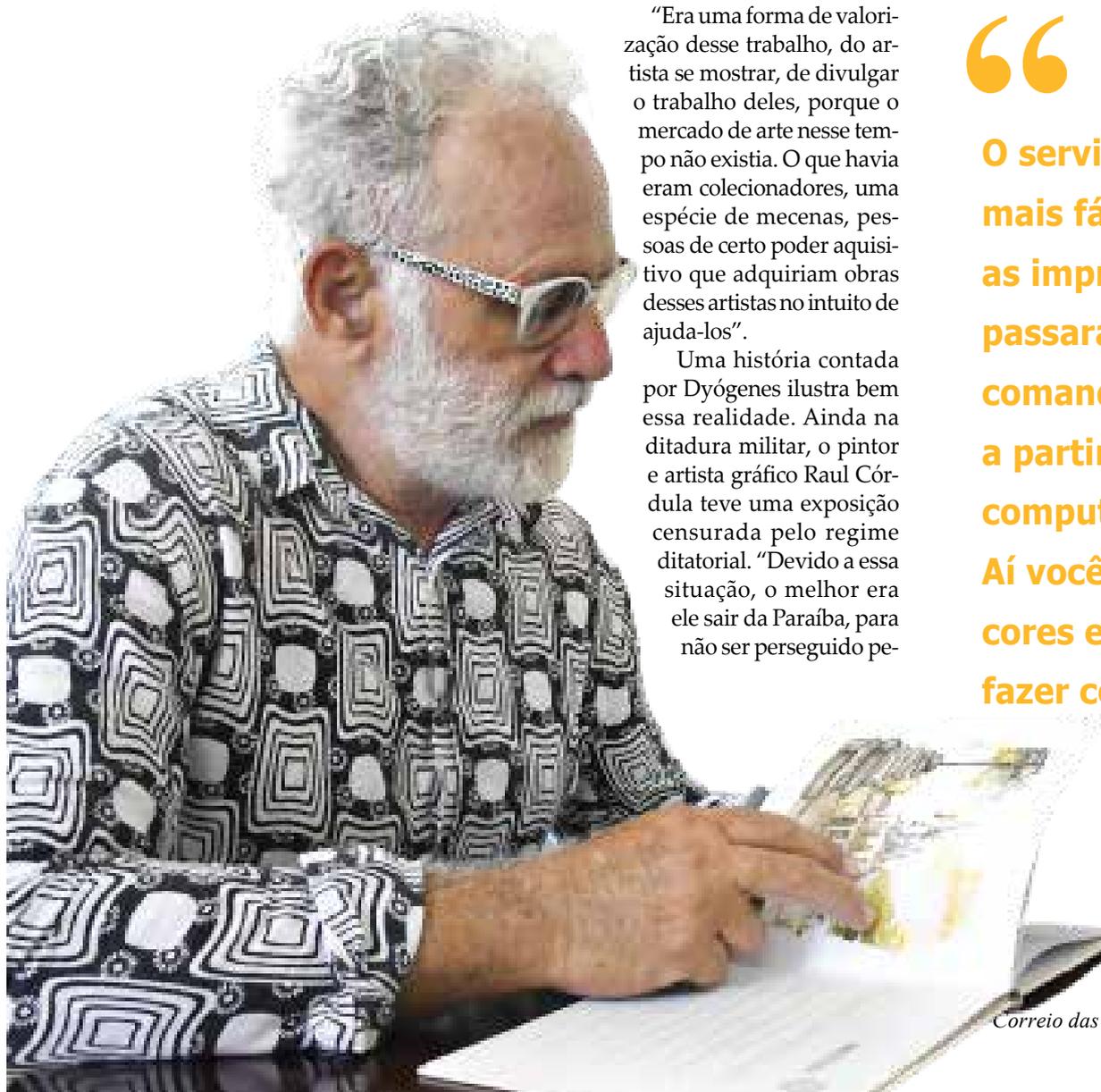
“

O serviço ficou mais fácil porque as impressoras passaram a ser comandadas a partir de computadores. Aí você já usa cores e pode fazer colagem

Dyógenes Chaves

Dyógenes Chaves lembra da proximidade que havia entre poetas e artistas visuais, amizade que foi parar nas páginas do suplemento

Correio das Artes - A UNIÃO

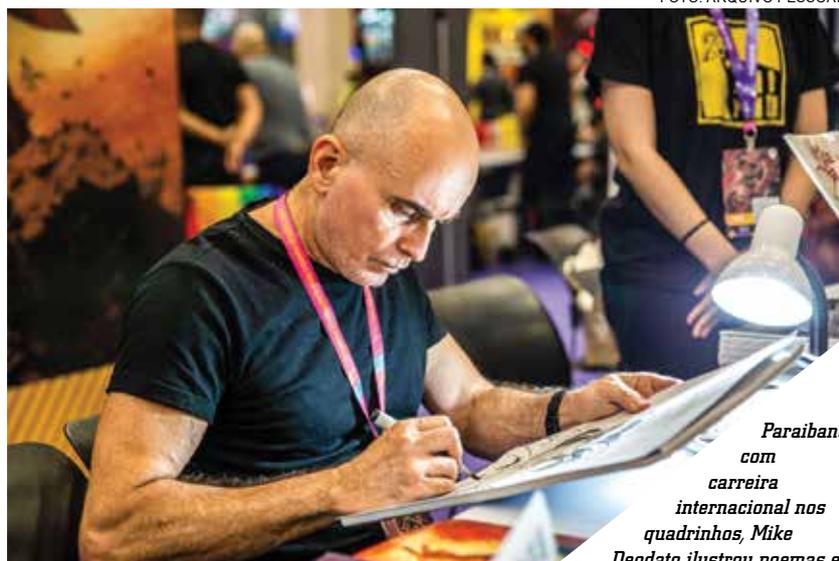


UMA ESCOLA PARA GERAÇÕES DE ARTISTAS

Nos 73 anos de existência do Correio das Artes, difícil é contabilizar quantos artistas visuais colaboraram com o suplemento literário de A União. A geração atual não pode mais apreciar periodicamente os traços dos antigos artistas, como Hermano José, Archidy Picado e Arnaldo Tavares, que tiveram seus trabalhos documentados no suplemento literário. Porém, o leitor do século 21 tem a oportunidade de acompanhar o talento dos atuais colaboradores.

O trabalho minucioso feito a partir da releitura de cada texto e traduzida em imagem, as cores vibrantes ou empalidecidas, associadas à técnica do desenhista, podem ser vistos na capa da publicação ou distribuídos em algumas páginas. O quadrinista Mike Deodato não faz mais parte do rol dos atuais colaboradores do *Correio das Artes*, mas lembra bem como era sua rotina quando fazia este trabalho na década de 1980. Foi a partir da experiência no Jornal A União que Mike chegou no suplemento literário.

“Os editores da redação já sabiam que eu desenhava, e a partir daí surgiu a oportunidade de ilustrar os textos do suplemento. Fazia charges de vez em quando, ilustração para matéria dentro do jornal, e me chamaram para fazer ilustração de poemas e ensaios do *Correio das Artes*. Então, era uma coisa mais solta, mais psicodélica”.



Paraibano com carreira internacional nos quadrinhos, Mike Deodato ilustrou poemas e fez charges para o 'Correio das Artes' nos anos 1980



ILUSTRAÇÃO: ARNALDO TAVARES/REPRODUÇÃO

Arnaldo Tavares – pai do também artista Flávio Tavares – colaborou com o suplemento entre as décadas de 1950 e 1960, ilustrando contos feitos, sobretudo, em bico de pena

Para ele, os anos em que pôde realizar esse trabalho, nos dois veículos impressos, foram gratificantes. “Porque qualquer desenho que você faz é um exercício. E fazer ilustração para um jornal é uma prova de fogo. Você tem um prazo muito curto. Lembro que as ilustrações eram pedidas na metade do expediente e eu tinha que terminar no final. Não tinha muito tempo para pensar, para rebuscar. Foi bom, foi um exercício de velocidade trabalhar sob pressão.

Ao mesmo tempo, me deparei com temas bem instigantes e variados no suplemento de artes”, afirmou Mike.

Ele, que desenvolveu essa atividade até início da década de 1990, teve contato com profissionais que até hoje atuam no *Correio das Artes*. “Lembro de Sávio, que era muito engraçado e muito rápido. Chegava, rabiscava rapidamente os desenhos e ia embora. Era muito bom. Havia também Tônio, que tinha um desenho maravilhoso com pincel, uma coisa rebuscadíssima, nunca tinha visto aquilo. Um estilo único, imagino, lembro que era fantástico. Ficava abasbacado com o talento dele”, enfocou Deodato.

Assim como Mike Deodato, o artista plástico Antônio Gonçalves de Sá, ou simplesmente Tônio, percorreu alguns caminhos antes de ter seus desenhos registrados no *Correio das Artes*. Em 1975, ele fez parte do Departamento de Artes da Editora A União, onde permaneceu por alguns anos. “O editor do jornal viu meus desenhos e me convidou



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Domingos Sávio: "Ilustrar um conto não é fácil, imagine um poema... quando você lê um texto, precisa fazer alguma coisa que tenha ligação com ele"

para ilustrar o jornal e o *Correio das Artes*", recordou.

Com algumas idas e vindas na empresa estatal, Tônio faz hoje em dia ilustração para o Jornal A União e o *Correio das Artes*. A partir dos textos que lhes são entregues, ele desenvolve a ilustração e utiliza técnicas como nanquim, aquarela, pintura com tinta a óleo, mas geralmente trabalha com lápis. Além de desenhar, houve um período em que ele também diagramou e paginou a revista. Para Tônio, exercer a profissão "é reconfortante". "Sinto-me privilegiado em poder criar formas, traços e cores. O *Correio* é uma revista importante, divulgada em todo país. Muita gente boa lê e vê os desenhos. Já recebi muitos elogios e isto é gratificante", declarou.

Tentar passar para o papel a mensagem contida em cada texto não é tarefa fácil para o artista visual, até porque a subjetividade muitas vezes está associada ao que foi escrito. Para interpretar uma poesia, por exemplo,

Tônio costuma traçar desenhos surrealistas ou abstratos.

Os originais dos seus desenhos, segundo ele, são guardados como um "tesouro" porque de vez em quando o artista plástico gosta de rever os trabalhos. Modesto, ele comenta: "Alguns ficaram tão bons que eu me pergunto: Fui eu que fiz?".

Síntese da ilustração

Com quase 50 anos de carreira, ele é inspiração para outro artista visual que colabora com o *Correio das Artes*, o chargista e ilustrador Domingos Sávio. "Tônio é meu amigo, meu ídolo e ainda hoje divide esse trabalho comigo", confessou Sávio, que já perdeu as contas de quantos desenhos fez para o suplemento. "Foram milhares", arrisca.

Foi na década de 1980 que o chargista começou a ilustrar a revista. A dica foi do artista plástico Fred Svendsen, que já fazia parte da equipe de colaboradores do suplemento literário. A participação de Sávio teve início quando ele era bem jovem, logo depois dele servir o Serviço Militar. Vale lembrar que, antes disso, ele chegou a colaborar em 'O Pirralho', um antigo suplemento do Jornal A União voltado ao público juvenil.

As décadas de experiência aperfeiçoaram a obra de Sávio, conclusão admitida por ele mesmo. "Antigamente, eu lia um conto ou um poema e desenhava a sequência todinha do que a pessoa havia dito, parecia um gibi. Hoje em dia, aprendi a fazer a síntese da ilustração. Mas é um desafio gostoso. Às vezes, a pessoa manda um e-mail elogiando nosso trabalho, e isso vale muito", confessou.

Apesar de estar há anos na função, Domingos afirmou que os desafios existem a todo momento, porque a criação do desenho vai depender da interpretação feita a partir do que se lê, e mais uma vez entra a questão da subjetividade, do leque de opções que o artista tem para empregar sua técnica. "Ilustrar um conto não é fácil, imagine um poema... Se mil desenhistas pegarem um poema, cada um vai ilustrar de um jeito diferente. Quando se trata de um trabalho meu, autoral, é diferente, porque posso fazer o que eu desejar. Agora, quando você lê um texto, precisa fazer alguma coisa que tenha ligação com ela", comentou.

Para realizar os desenhos, Domingos Sávio costuma usar grafite,

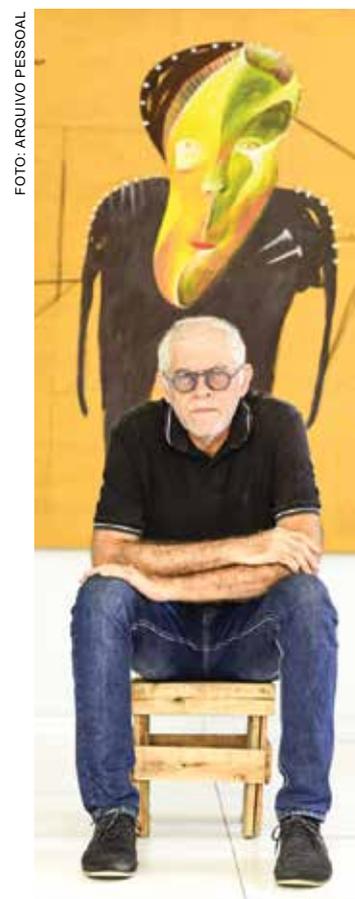


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Fred Svendsen: "Tive a oportunidade de ler Nélida Piñon, Sabino, Afonso Romano de Sant'Anna, Drummond e outros notáveis escritores que tinham os trabalhos publicados no suplemento do jornal A União"

aquarela ou mesmo acrílica. O acabamento é feito em um editor de imagem no computador – o Photoshop, coisa que não se imaginava fazer no início da carreira. Ao avaliar os anos de trabalho e o papel do *Correio das Artes* na vida dos artistas visuais, ele destacou que o suplemento literário "sem dúvidas, contribuiu muito na divulgação do trabalho de muitos artistas plásticos, pintores, fotógrafos, escultores e gravadores".

Já o artista visual Dyógenes Chaves destacou que a presença desses profissionais na revista é de extrema relevância, sobretudo num veículo impresso. Os principais jornais do país, destacou Chaves, ainda usam bastante esses recursos visuais, independentemente de ser numa página de Cultura ou de outra editoria.

"Há o uso do caricaturista, chargista, ou mesmo de uma ilustração feita para um texto. E isso sempre aconteceu no *Correio das Artes*, como uma obra casada. Com base no texto, o artista fazia a ilustração".

ALGUNS PRECURSORES

Um dos precursores que deixou sua arte impressa no *Correio das Artes* foi o artista plástico Hermano José (1922 – 2015). Segundo o artista visual Dyógenes Chaves, ele era um artista multifacetado, que dominava a gravura, o desenho, realizava estudos em grafite, fazia a própria tela e preparava a tinta de trabalho. “Era um artista tradicional, uma espécie de cozinheiro como se costuma dizer”.

No primeiro mês que o suplemento literário começou a circular, março de 1949, já era possível conferir os traços de Hermano nos elementos da natureza, nos corpos humanos ou em outros elementos do cotidiano desenhados por ele. Essa colaboração, de forma mais intensa ou esporádica, perdurou por pelo menos 50 anos.

Outro colaborador de destaque lembrado por Chaves foi Tomás Santa Rosa, ilustrador e cenógrafo, criador da vinheta do *Correio das Artes*, na época em que a publicação tinha o formato de tabloide. “Ele foi um artista paraibano muito importante, que migrou para o Rio de Janeiro, fez muita capa de livro, e cenários de peças de teatros famosas como o *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues. Tomás trabalhou, inclusive, na decoração de rua do carnaval do Rio de Janeiro, bolando estandartes”.

Houve ocasião em que essa participação do artista visual foi passada de geração a geração, como é o caso do artista plástico Flávio Tavares e do seu pai, Arnaldo Tavares, ambos artistas visuais e colaboradores do suplemento literário. “Quando eu nasci, em 1950, já existia uma geração composta por nomes como Lyra Serrano, Arnaldo Tavares - meu pai - e Archidy Picado, que ilustrava o *Correio das Artes*. Mais tarde, continuei vendo desenhos de artistas mais contemporâneos meus, como Domingos Sávio, Tônio, Fred Svendsen e Alberto Lacet”, recordou Flávio.

Segundo Flávio, a participação de Arnaldo Tavares se deu por volta da década de 1950 e 1960 com desenhos sobre a cidade, ou baseados nos contos publicados na publicação de A União, feitos sobretudo em bico de pena.

Ele relatou que começou a pintar e a desenhar em 1964 e desde então também passou a integrar essa lista de colaboradores, ilustrando contos, poesias, textos - inclusive do seu irmão Carlos Tavares, de Sérgio de Castro Pinto e de Gonzaga Rodrigues.

Flávio enfocou que o suplemento adota uma democracia dentro dos assuntos ligados à arte – literatura, cinema e poesia. “Essa pluralidade de assuntos que a publicação semeava e ainda semeia para a juventude foi fundamental para a minha formação de artista. Até hoje, quando você quer saber de algum assunto relacionado à cultura, a gente fica esperando o surgimento do *Correio das Artes* nas bancas para ver o que dizem os especialistas, os críticos literários. Se temos dúvidas sobre um determinado filme ou livro, aguardamos o que o *Correio* vai falar. Ele é um suplemento que não faz parte apenas de um jornal, mas está no nosso imaginário, faz parte da nossa geografia sentimental”.

*Flávio Tavares, que assim como o pai, Arnaldo Tavares, colaborou com o 'Correio das Artes':
“Pluralidade de assuntos do suplemento foi fundamental para a minha formação de artista”*

Hermano José: artista multifacetado que dominava a gravura, o desenho, realizava estudos em grafite, fazia a própria tela e preparava a tinta de trabalho

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

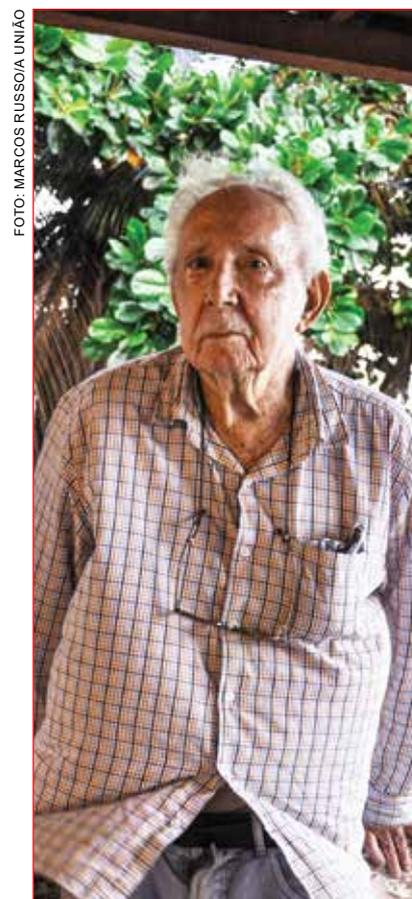
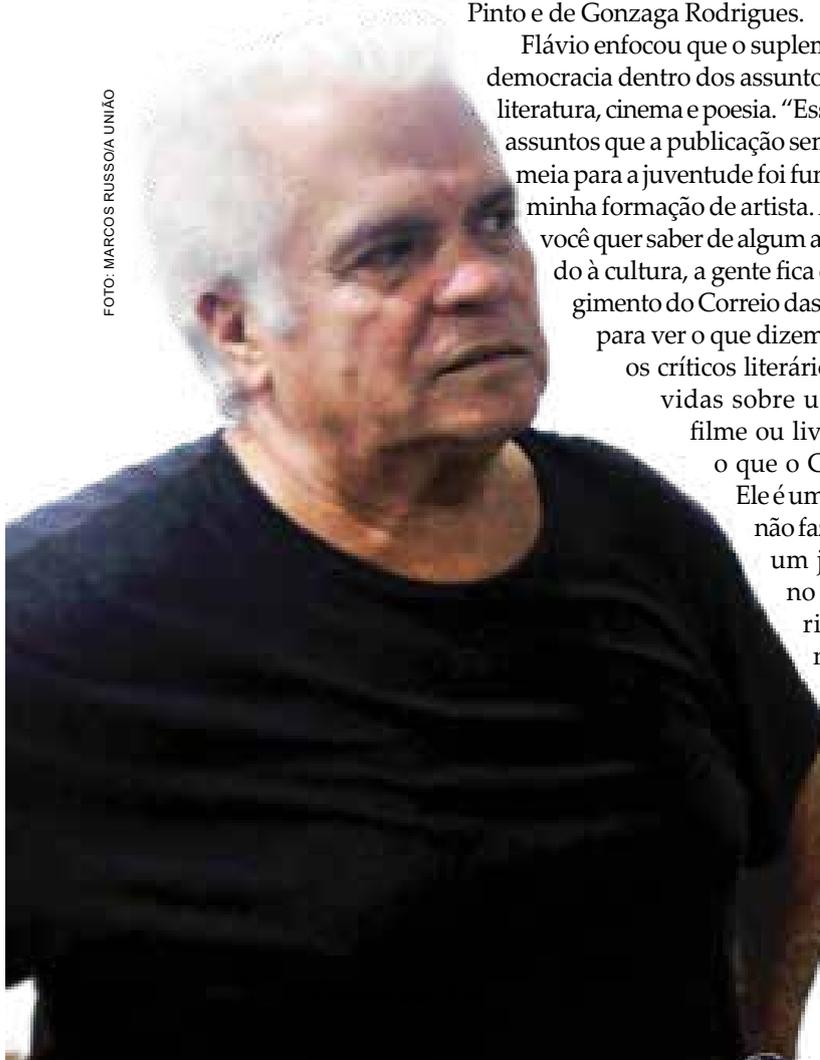


FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO

FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO



A sábia inquieta

DA PROFESSORA IMORTAL

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Por trás da voz pausada e mansa e do olhar furta-cor – ora azul, ora esverdeado -, está a professora, escritora, crítica literária, e a primeira mulher a ocupar a presidência da Academia Paraibana de Letras (APL), Ângela Bezerra de Castro. Pela curta descrição do seu currículo, logo se percebe que trata-se de uma paraibana de personalidade diferenciada, o que se comprovará ao longo dos relatos sobre sua trajetória de vida. No dia 1º de outubro, ela completou oito décadas de existência, anos estes que reúnem momentos de muitos desafios, aprendizado, superação, conquistas, alegrias e uma constante luta em busca de seus objetivos.

Uma mulher que, mesmo tendo de se separar do pai biológico antes de um ano de idade, de ter chorado pelas perdas promovidas pela ditadura militar e de precisar conciliar, ainda jovem, as aulas na universidade com os dois turnos de trabalho para ajudar a mãe no orçamento doméstico, não se rendeu diante dos obstáculos que o destino lhe impôs. Ao longo da caminhada, certamente não lhe faltaram pesares. Mas, estes, foram subjugados pelo acalento da família, pelos braços amigos que a acolheram e pelo vasto saber que ela tanto perseguiu e acumulou, instrumento este que a fez marcar seu nome na cultura paraibana.



Ângela Bezerra de Castro completou, neste mês de outubro, 80 anos: mulher, mãe, professora e escritora imortal da Academia Paraibana de Letras não se rendeu diante dos obstáculos que o destino lhe impôs

▶ Apesar de bem nascida, Ângela Bezerra não foi criada em berço de ouro. A mãe, Miriam Carneiro da Cunha, casou-se bem jovem, recém-saída do internato do Colégio das Neves, indo morar em Bananeiras. O casamento, porém, não deu certo, porque o casal tinha “incompatibilidade de gênios”.

Passado mais de um ano do matrimônio, alguns parentes de Miriam foram visitá-la. Porém, qual foi a surpresa deles ao chegarem na residência e serem proibidos de adentrarem na casa. “Ela não pôde abrir a porta, estava em cárcere privado. Eu já era nascida, tinha 11 meses, e minha mãe estava grávida do meu irmão. As pessoas que foram visita-la eram primos do meu avô e ficaram horrorizados. Notaram minha mãe muito magra e abatidíssima. Aí disseram: ‘Sinhozinho não deve estar sabendo disso’. Então, mandaram uma carta para meu avô materno por meio de um portador a cavalo contando o ocorrido”, relembra Ângela.

Quando o avô dela, José Leão Carneiro da Cunha, recebeu a notícia, não tardou em alugar um caminhão e sair da Fazenda Confusão, onde morava, no município paraibano de Araruna, rumo a Bananeiras, para buscar a filha Miriam. Ao chegar na residência, José Leão teria chamado o genro e falado: “Vim buscar minha filha, porque não a criei para ser maltratada por ninguém”. E assim, Ângela e o irmão, José Leão Carneiro da Cunha Neto, passaram a infância em companhia dos avós maternos e da mãe na Fazenda Confusão.

A partir daí, a relação com o genitor foi cortada. “Eles tinham incompatibilidade de gênios e toda referência que tenho de família é por parte de mãe”, disse Ângela. Em entrevista ao *Correio das Artes*, não foram poucas às vezes em que a paraibana se referiu ao avô José Leão como “Papai”, também demonstrando imensa afeição pela avó, Josefa Ferreira da Costa Carneiro da Cunha. “Meu avô foi o melhor pai que alguém poderia ter. Ele e minha avó eram loucos por mim. Além dos dois, os meus tios me deram todo carinho do mundo, sem me estragar”, declarou.

Foi na Fazenda Confusão que os dois irmãos foram alfabetizados, fizeram todo o curso Primário, juntamente com os moradores do local, em uma escola rural que funcionava dentro da propriedade – a Esco-

FOTO: REPRODUÇÃO/ACERVO MIRABEAU DIAS



Ângela Bezerra, com 18 anos, em registro feito no Liceu Paraibano, onde foi estudar após prestar exame sem o conhecimento da mãe: “Eu já era rebelde!”

la Estadual Rudimentar Mista de Confusão. A professora era a mãe de Ângela, Miriam Carneiro da Cunha, ser humano forte, um verdadeiro exemplo de mulher para a filha.

“Fui criada por duas mulheres muito fortes. Minha mãe valorizava muito a independência, o saber, e toda vida ela exerceu o papel de mãe. Quando eu era bem pequena, comecei a chamar minha vó de mãe, mas ela disse não, porque era ela quem dirigia a vida da gente. Minha mãe era uma heroína, uma lutadora”, salientou.

A avó, Josefa Ferreira da Costa Carneiro da Cunha, também valorizava a educação e o conhecimento. Entre as recordações da infância, Ângela contou que Josefa costurou para ela um pijama de flanela, estampado com letrinhas, o que a incentivou a ler, aos quatro anos de idade. “Ela dizia que o saber era a maior riqueza da vida”.

Depois do curso Primário, chegou o momento da pequena Ângela se afastar da convivência em família e ser encaminhada ao colégio interno. Primeiro foi para o Colégio Santa Gertrudes, de freiras alemãs, em Olinda, onde passou poucos meses interna e fez o curso de admissão, sendo aprovada com “ótima classificação”. Com a dificuldade da distância entre Paraíba e Pernambuco, ela foi matriculada em outro colégio interno, também de freiras, no município de Guarabira.

Lá, Ângela estranhou muito a rigidez da disciplina. Para se ter ideia, aos 11 anos de idade, a menina tinha

de passar o dia todo uniformizada, com meias compridas, blusas de magas compridas, gravata, saia e calçado, o que lhe causou grande sofrimento por causa do calor e incômodo que sentia. “Eu chorava muito e quando mamãe ia me visitar, pedia para sair de lá”, confessou.

As aulas do curso ginásial tiveram continuidade em João Pessoa, no Colégio das Neves, também religioso, quando a mãe e o irmão deixaram a fazenda para morar na capital do estado. Os estudos transcorriam bem, mas Ângela não se adaptava à rigidez do colégio de freiras.

Ao se aproximar do mês de dezembro e já pensando no ano letivo subsequente, a jovem tomou uma decisão que já comprovava sua personalidade forte e decidida. Sem o conhecimento da mãe, fez o exame de seleção para estudar no colégio Liceu Paraibano, escola mista, pública, onde os alunos gozavam de mais liberdade para expor seus pensamentos e que reunia muitos dos melhores professores da época. Ao ser aprovada, ela só comunicou o fato à mãe, Miriam.

“Eu já era rebelde e não tolerava colégio de freiras. Estudei só o 3º ano do Ginásio no Colégio das Neves. Minha mãe não queria de jeito nenhum que eu estudasse no Liceu, mas teve de aceitar, porque eu falei que se não fosse para lá, eu não iria estudar mais. ▶

E o Liceu foi o colégio dos meus sonhos. Lá terminei o 4º ano do Ginásio e fiz o ensino Clássico”.

Após o curso Clássico, Ângela Bezerra de Castro prestou vestibular para Direito na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), uma das poucas mulheres paraibanas que se encorajavam a ter tal formação naquele início de anos 1960, já que na época as turmas eram predominantemente masculinas. “A primeira turma de Direito com várias mulheres foi a minha, antes era uma ou outra na sala. Queria falar bem, e achava que só falava bonito quem cursava Direito. Tomei a decisão por esse curso muito cedo e achava que era minha vocação. Mesmo assim, foi uma das melhores épocas da minha vida, tive uma convivência maravilhosa com muitos amigos e professores. Faria tudo de novo”.

Como dizem que nada na vida é por acaso, foi durante o curso de Direito que ela teve a primeira experiência com a profissão que jamais abandonaria, que a acompanhou por grande parte da vida: a de professora. O convite chegou sem Ângela esperar, por meio do professor da disciplina de Direito Romano, Afonso Pereira.

“Um dia ele me chamou e disse: ‘Venha cá. Olhe, você vai me substituir no Colégio Solon de Lucena, porque eu não quero mais ensinar Latim’. Aí eu quase desmaiei. E comecei assim, ensinando Latim à noite, para adultos. Tomei gosto pela profissão e a escola tomou gosto por mim. No ano seguinte, me ofereceram turmas de Português e aceitei. Pela manhã eu ia para a universidade, à tarde e à noite eu ia dar aula. Queria ajudar minha mãe, que era uma lutadora”.

Até então, não existia concurso para a função de professor. O primeiro que apareceu foi em 1968, para a Escola Técnica Federal da Paraíba, atual IFPB, local onde Ângela lecionou por 12 anos.

Apesar de ser escritora, formada em Direito e destacar-se na crítica literária, ela afirma que “a profissão de professor é a mais digna que existe”. “Quando vejo os alunos que tive, o quanto eles são vencedores e o quanto eu contribuí para o que eles são hoje, isso é maravilhoso. Você saber dar orientação para que aquela pessoa cresça, se aperfeiçoe, desenvolva suas potencialidades, isso é muito grandioso, é o nosso maior pagamento”.

As perdas trazidas pela ditadura militar

Ao longo da vida, a postura de Ângela Bezerra de Castro nunca foi de uma pessoa conformada com situações que não a agradavam. Nem mesmo quando era criança, ela se rendeu ao desejo da mãe, a quem tanto amava, de concluir os estudos em colégio de freira. Ela sempre lutou pelo que desejava e tinha como ferramenta uma coragem indiscutível e a contínua busca pelo saber. Por ser uma pessoa politizada, culta, bem relacionada com importantes mestres de sua época e rodeada de alunos, ela não passava despercebida. E não demorou em chamar a atenção dos militares, em plena ditadura da década de 1960, sendo denunciada para o regime totalitário como “agitadora de massas”. Com isso, ela teve de responder a dois inquéritos diante dos repressores.

Segundo Ângela, a denúncia foi feita por uma professora de uma escola estadual de Cruz das Armas, em João Pessoa. “Essa professora disse que eu era comunista, agitadora de massas. Isso porque eu era uma pessoa participativa, estudiosa, sempre ia na faculdade, tinha grupo de estudos na minha casa, participava de olimpíada, corria e fazia salto de extensão e era da política. Respondi a dois inquéritos, fiquei com a ficha suja, mas não fui presa”, afirmou.

Um dos episódios que lhe marcou nestes difíceis anos da ditadura militar foi o dia em que teve de responder a um dos inquéritos. Era o primeiro dia de Ângela como professora na Escola Técnica Federal da Paraíba. Ela saiu do interrogatório e foi direto para o colégio, ainda abalada. “Era uma situação muito tensa e cheguei na escola chorando. Pensava que não ia ser mais aceita na escola. Mas o diretor, doutor Itapuan Bôtto Targino, era uma pessoa extraordinária, que se colocava acima dessas coisas. Ele só queria saber se o professor cumpria bem suas funções. E assim, ensinei na Escola Técnica Federal da Paraíba durante 12 anos”.

Foi também na ditadura militar que Ângela se submeteu a um concurso na UFPB, para ser professora na disciplina de Teoria da Literatura e, apesar de ter sido aprovada com uma das notas mais altas (9,3), demorou três anos para assumir a função. Tudo por conta da perseguição do regime repressor, que a perseguia. Ela contou que um dos perseguidores era o reitor da UFPB e um professor de Teoria da Literatura. “Foi em 1973, e eu tinha feito o concurso justamente para ser assistente desse professor, que havia me denunciado. Ele falou para o reitor que eu era comunista. Ficar sem assumir a função na universidade, mesmo tendo sido aprovada, me abalou demais”.

Somente em 1976, quando o novo reitor, Linaldo Cavalcanti, assumiu a função na UFPB, Ângela pôde ocupar o lugar que lhe era de direito. Cavalcanti desengavetou os processos pendentes no campus e, no dia 28 de dezembro daquele ano, poucos dias antes do Ano Novo, uma ligação da UFPB dava a boa nova à paraibana. “Quando recebi a ligação, pensava que era um trote, e disse que não fizessem isso comigo, porque eu já havia sofrido muito. Mas era tudo verdade, e consegui ser professora da universidade”.

Outra consequência do regime autoritário na vida de Ângela foi o fato de o irmão dela, José Leão Carneiro da Cunha Neto, ter ido embora da Paraíba porque não conseguia progredir profissionalmente. Formado em Economia, ele fez dois concursos, mas não foi chamado. Nessa época, a família era constituída pela mãe Miriam e os dois irmãos. “Então, ele foi embora para o Rio de Janeiro, e ficamos somente eu e mãe. Ele não voltou mais a morar na Paraíba, depois foi para Brasília e lá constituiu família. Essa foi a maior perda para mim deixada pela ditadura, porque éramos muito próximos”, lamentou.

Ao relembrar a trajetória desses 80 anos de vida, dos desafios e méritos alcançados, Ângela não demonstra nenhum resquício de tristeza. “Eu me sinto uma pessoa feliz, realizada, que não viveu em vão, que recebeu muito da vida e que soube ultrapassar o que era difícil, o que era ruim e triste, e soube valorizar sempre o que era positivo e bom, que era o amor”.

Perfil humano e profissional registrados em livro

Ao sabor do diálogo. Esse é o nome do livro lançado recentemente pela professora Ângela Bezerra de Castro, uma coletânea que traz um perfil humano e profissional da paraibana. A obra foi apresentada, preliminarmente, durante uma comemoração feita no dia 30 de setembro para um grupo seletivo na casa de eventos Sonho Doce, em João Pessoa, em celebração aos 80 anos de vida da escritora, e lançada ao público em geral no dia 20 de outubro da Livraria do Luiz do Mag Shopping. As mais de 340 páginas reúnem 96 textos feitos pela própria Ângela e por 50 amigos, entre jornalistas, escritores e confrades.

Uma dessas pessoas é o escritor, jornalista e diretor de mídia impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), William Costa. “O livro *Ao sabor do diálogo* (editora MVC/Forma) chega em boa hora, vez que compõe, com mais perfeição, por usar paleta de múltiplos tons, manejada por espíritos sinceros e criativos, o retrato dessa mulher extraordinária que é Ângela. A obra traça um extraordinário perfil dela, e nele vislumbra-se, também, a silhueta da própria vida”, frisou.

Durante o evento na Sonho Doce, o livro foi apresentado pelo presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), Ramalho Leite, que entregou à aniversariante a Comenda Oscar de Castro, outorgada pela APL. “O que se disse sobre Ângela, na sua atividade multifacetada, resultou no livro *Ao sabor do diálogo*, comemorativo dos seus 80 anos”, mencionou Ramalho.

A obra é uma coletânea de memórias, que ela reuniu no decorrer da vida. Cada conquista alcançada, fase vivenciada ou mesmo as características que se sobressaem da personalidade da paraibana foram registradas nas linhas que os amigos lhes dedicaram ao longo dos anos. Todo o material foi cuidadosamente guardado pela destinatária, como uma espécie de “preciosidade” que não tem valor material, mas que enriquece a alma. “Quando eu recebia um texto desses, ia colocando numa prateleirinha que eu tinha no meu gabinete, reservada para isso. Nem pensava no livro ainda, mas já sabia que aquilo era uma preciosidade que eu não podia

perder. Quando se aproximou o aniversário dos meus 80 anos vi que tudo poderia resultar em um livro”, contou a professora.

O prefácio da coletânea é de autoria do professor Sales Gaudêncio e o posfácio, do cronista e jornalista Gonzaga Rodrigues. A ilustração da capa é uma reprodução da pintura *O balanço da saudade*, uma releitura do quadro *A colheita do caju* (1972), ambas feitas pelo artista plástico Flávio Tavares. *O balanço da saudade* foi dedicado a Ângela Bezerra de Castro, que é representada no quadro por uma menina de vestido azul. A iniciativa dessa pintura surgiu pela admiração que a professora tinha pela pintura *A colheita do caju*. “Eu sempre admirei esse painel que Flávio fez nos anos 70, que ficava no Banco do Brasil. Eu saía de casa apenas para olhar a pintura. Quando ele soube, teve a gentileza de fazer outra pintura para mim, e me colocou no desenho, que é uma menina vestida de azul. Flávio chamou esse trabalho de *O balanço da saudade*, que é uma tela linda e bem colorida”.

A professora destacou que nunca soube o motivo pelo qual foi representada com um vestido azul. “Acho que foi para me destacar no meio das outras meninas da pintura. Fez um tipo físico diferente, uma menina bem branquinha, bem impossível, pendurada no galho do caju”, imaginou.

Segundo o artista plástico Flávio Tavares, a questão cromática do quadro está relacionada à fusão de cores, já que a obra é composta por cores quentes e frias. “É uma questão da harmonia de cores. Ela (a menina de azul), como é uma figura central, e envolta têm outras figuras, fica orbitando como o planeta Terra no meio das cores. O azul também é muito emblemático sob o ponto de vista do céu e da Terra, porque o quadro tem uma composição um pouco triangular, mas é uma órbita, é mais um universo”, explicou o artista.

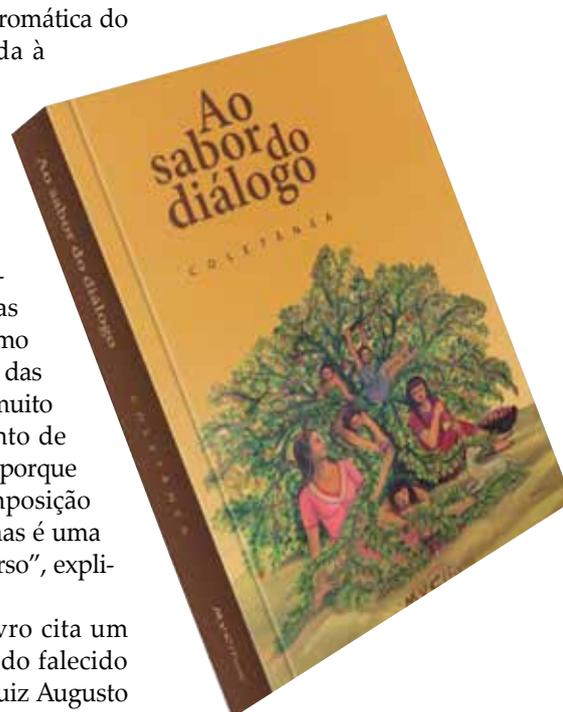
A contracapa do livro cita um trecho de uma crônica do falecido jornalista e advogado Luiz Augusto

Crispim. “Ele era o meu amigo mais querido. Em homenagem a ele, coloquei parte dessa crônica, que tem cerca de 40 anos, chamada “Esmeraldas verdadeiras”, que fala dos meus olhos e da minha alma”, revelou.

Entre os autores dos textos que constam no livro estão nomes como o de Martinho Moreira Franco, Odilon Ribeiro Coutinho, Kubitschek Pinheiro, William Costa, Hildeberto Barbosa, Sérgio de Castro Pinto, Marília Arnaud, Walter Galvão, José Nunes, Juca Pontes e Gonzaga Rodrigues.

Nesse aniversário de 80 anos, Gonzaga Rodrigues fez questão de ressaltar o talento da amiga como crítica literária. “Sendo ela uma crítica, a serviço da clareza, ela se vale de um discurso poético. A crítica literária de Ângela é feita em linguagem literária. Isso para mim é o mais importante nela”, afirmou. Ele acrescentou que a professora tem um “discurso claro, escondendo a linguagem da teoria, que fica como instrumento de análise a serviço de sua sensibilidade poética”.

A inspiração para o título do livro veio após a professora escrever o texto “Presente da vida”, que também está na coletânea. “Depois que escrevi esse texto, vi que tudo era um grande diálogo, meu e dos escritores, um diálogo de muito valor. Vou fazer desse livro um grande presente dos meus 80 anos, porque ele é o meu perfil feito pelos meus contemporâneos, meu perfil humano e também intelectual”.





Ângela, quando esteve à frente da APL, em 2020: foram necessários 80 anos para que uma mulher pudesse exercer a presidência da Academia Paraibana de Letras

PRIMEIRA MULHER À FRENTE DA APL

O próprio significado do nome de Ângela, do latim “Angelus”, em português, “anjo”, remete a um ser imortal, possível de existir apenas em um universo que está além da nossa realidade terrena. De alguma forma, quis o destino que ela fizesse jus ao nome, e fosse conduzida a uma forma de eternidade mesmo convivendo entre nós. E sob o consenso de seus confrades, diante dos méritos que conquistou na vida e, sobretudo da competência com que desempenhou cada função que exerceu, ela se tornou a primeira mulher a comandar a Academia Paraibana de Letras (APL).

“Demorou 80 anos para que uma mulher assumisse a presidência da Academia Paraibana de Letras. Foi uma conquista, mas não um objetivo traçado. E, por causa disso, tem ainda mais valor para mim. Eu não me candidatei, foram os meus confrades que me candidataram. A minha campanha foi linda, toda feita pelos jornalistas. Foi um reconhecimento da minha trajetória de vida, da minha dedicação ao texto do autor paraibano”, declarou Ângela.

Ela contou que, na época, um grupo de 15 pessoas, formado pelos confrades e liderado pelo cronista Gonzaga Rodrigues, se mobilizou e organizou toda a campanha, divulgando o nome da professora, inclusive, na imprensa. “Não houve nem concorrente, porque não tinha espaço para outra chapa”, frisou.

E assim, em setembro de 2020, Ângela Bezerra de Castro foi eleita a primeira mulher a assumir a presidência da APL, com um mandato de dois anos. O vice-presidente foi o escritor Ramalho Leite.

“Seguindo os passos do tio Oscar de Castro, que presidiu a Academia por cerca de 25 anos, Ângela foi a primeira mulher a ocupar sua presidência. No seu mandato, traçou diretrizes que a atual gestão vem implementando. Levar o conhecimento da APL à juventude estudiosa de nossa terra tem sido uma tarefa de elevado espírito público. Ela mesma ministrou curso para professores do Estado, enfatizando a prioridade da leitura em sala de aula e a obra de José Lins do Rego”, afirmou Ramalho, atual presidente da APL.

O projeto de aproximar a APL das escolas, do ensino público e dos estudantes foi um dos objetivos da professora e escritora, mas infelizmente ela não conseguiu terminar o mandato. Em 2021, renunciou ao cargo por motivo de saúde, deixando a vaga para Ramalho Leite, que respeitou os propósitos que ela almejava seguir até 2022.

“Quando eu falei com o médico

e disse a Ramalho que eu tinha que me desligar, eu fiquei colaborando com ele, que foi muito digno e continuou o projeto que eu tinha feito: essa aproximação da Academia com o ensino público. Nós damos cursos, hoje, para os professores do Estado, para que eles sejam multiplicadores; visitamos as escolas públicas dando conferências; e da mesma forma, as escolas vão à Academia. E isso, Ramalho fez por mim. Foi muito lindo”, destacou.

Este ano, ao concluir o mandato iniciado em 2021, Ramalho Leite foi reconduzido à presidência da APL. Para ele, Ângela Bezerra é um exemplo de mulher, franca e decidida. “Ela ‘foi moldada para não dizer o que não pensa’, no conceito de Gonzaga Rodrigues, que assino embaixo. Chegou aos 80 anos acumulando críticas e elogios, mas sobretudo, transformando o que aprendeu em lições de vida. Como professora, conquistou a admiração dos seus alunos e o respeito dos colegas”, enfocou Leite.

“UM MODELO DE MULHER INDEPENDENTE”

“Ângela é uma pessoa singular. Percebi isso na primeira vez em que conversamos. Ela é sábia, destemida, generosa, bem-humorada, despreziosa. Impossível conhecê-la e não amá-la”. A afirmação é da escritora Marília Arnaud, que também tem texto publicado na coletânea *Ao sabor do diálogo*.

E a primeira vez que as duas se encontraram foi no início dos anos de 1990, quando Marília era aluna do curso de Letras da UFPB e a professora Ângela tinha acabado de se aposentar. “Aldo Lopes (contista e romancista) me levou até a casa dela, e a partir desse dia nunca mais deixamos de nos ver e conversar. Somos grandes amigas”, afirmou Marília.

A trajetória no magistério, seguida por Ângela, é vista por Marília como inspiradora, que a considera um “modelo de mulher independente, feminista - embora não militante, que conquistou seu espaço com os próprios méritos”. Segundo ela, a “professora nata” encontrou na sala de aula o espaço para exercitar o amor pelo próximo e pelas palavras, mesmo em um país onde

o ensino não é reconhecido. “Só os generosos e altruístas conseguem ser bons professores. É difícil o exercício do magistério em um país em que a Educação é menosprezada pelos governos, em que se ainda tem um número alto de analfabetos, sem falar no analfabetismo funcional que reina por aqui”.

O escritor, jornalista e diretor de mídia impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), William Costa, também destacou o amor e dedicação que a paraibana sempre demonstrou pelo ato de ensinar, de transmitir o saber para o próximo. Ele frisou que o magistério para Ângela é mais que exercer uma profissão, é cumprir uma verdadeira missão, dedicar-se a uma espécie de sacerdócio. “Ela tem consciência da importância de dividir - sim, educar é também uma maneira de compartilhar - o conhecimento e a sabedoria com outras pessoas, principalmente os jovens, capacitando-as para a realização pessoal e o exercício crítico da cidadania”.

Segundo William, como professora, Ângela se rege pelo signo da competência, sendo uma das profissionais da educação mais qualificadas que ele conhece. Exerceu o magistério por meio de uma pedagogia cujos lastros são o conhecimento adquirido nos cursos do magistério, a leitura e a experiência de vida. Que, para ele, também é bastante relevante, “embora muita gente não leve isso em conta”. “Ela ensina e aprende ao mesmo tempo. Talvez seja esse o segredo”, acrescentou Costa.

A generosidade desta mulher paraibana, porém, não está apenas no ato de ensinar, mas na postura afetuosa para com os mais chegados e de se doar às verdadeiras amizades. “Mas ninguém se iluda, a proximidade, seja em que grau for, não dá a ninguém o direito de ferir suas crenças ou desrespeitar seus princípios. Nesse ponto, ela não transige. E tem a coragem de dizer as coisas olho no olho. Detesta mentiras, dissimulações, ou seja, não concorda absolutamente com a velha mania de ‘falar pelas costas’”, completou William.

Como crítica literária, área em que Ângela Bezerra se destaca na cultura paraibana, William afirmou que a professora e escritora faz uso de parte dos instrumentos de análise e interpretação de textos que herdou de seus mestres, a exemplo de Juarez da Gama Batista, como também de arcabouços teóricos contemporâ-

“

Ângela é uma
pessoa singular.

Ela é sábia,
destemida,
generosa, bem-
humorada,
despretensiosa.

Impossível
conhecê-la e
não amá-la

Marília Arnaud

neos, de comprovada eficácia no ambiente acadêmico. “Para se ter melhor ideia da estatura de Ângela, como crítica de literatura, recomendo a leitura de seu livro, *Releitura de A Bagaceira: uma aprendizagem de desaprender*”.

Marília Arnaud também não deixou de comentar esta faceta da amiga que, segundo ela, é muito rigorosa no julgamento do texto literário e que “abrilhanta a Academia Paraibana de Letras com a sua lucidez, assertividade e despojamento”.

Nessas oito décadas de vida de Ângela Bezerra de Castro, Arnaud declarou que a cultura e a literatura paraibanas devem muito a esta mulher que, do alto dos seus 80 anos, ainda está em sala de aula, debatendo os textos de autores paraibanos, com os professores da rede estadual de ensino. “É grande, sabe que é, mas não perde a simplicidade da menina brejeira que ainda encontro nela”, mencionou.

DEDICAÇÃO À CULTURA

A professora, escritora e crítica literária Ângela Bezerra de Castro nasceu em Bananeiras, mas passou

toda a infância no município paraibano de Araruna. Adolescente, veio morar em João Pessoa com a mãe, Miriam Carneiro da Cunha e o irmão, José Leão Carneiro da Cunha Neto. Até que durante a Ditadura Militar José Leão Neto foi embora para o Rio de Janeiro, ficando Ângela na companhia da mãe até a morte dela, há quatro anos. Solteira, dedicou a vida às letras, à cultura e à missão de lecionar.

É graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em Licenciatura em Letras Vernáculas (UFPB), tem mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica e Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Entre os reconhecimentos que recebeu estão o Prêmio José Américo de Literatura (1987); Medalha Augusto dos Anjos e o Mérito de Serviços Literário da Academia Paraibana de Letras.

É autora de *Um Ponto no Infinito Comum*; *Releitura de A Bagaceira - Uma aprendizagem de desaprender*; *Coletânea de Autores Paraibanos*; *Fortuna Crítica - José Lins do Rego* e *Um Certo Modo de Ler*.

Atuou no serviço público, sendo nomeada superintendente da Escola de Serviço Público do estado da Paraíba e membro do Conselho Estadual de Cultura. Também foi secretária adjunta da Educação do Estado e coordenadora da Escola Superior da Magistratura (Esma).

VIDA PESSOAL

Mesmo não tendo filhos naturais, Ângela Bezerra de Castro considera uma prima legítima, Ana Augusta, como a filha do coração. “Aninha faz o papel de filha. A mãe dela morreu quando ela tinha 14 anos e ela me chama de tia. Considero a filha dela, Thaís, como minha neta”, afirmou Ângela.

Atualmente, a professora mora no bairro de Tambaú, em João Pessoa, onde recebe os amigos, familiares e desfruta da companhia do gato de estimação chamado Leãozinho. ❖

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Kim Covent:

“A luta contra o crime com obras de arte requer uma abordagem internacional”

Marcílio Franca

Especial para o *Correio das Artes*

Amelia é uma cidade italiana, localizada a cerca de 100 km ao norte de Roma. Uma vez por ano, em agosto, o charmoso vilarejo de pouco mais de 10 mil habitantes reúne a elite internacional da proteção do patrimônio cultural, nos já famosos seminários promovidos pela Arca, a Associação para a Investigação dos Crimes contra a Arte. Ali, durante um final de semana, procuradores, agentes da Interpol, funcionários da Unesco, detetives, policiais, advogados, professores, pesquisadores, curadores e conservadores de museus importantes transformam o conteúdo medieval de Boccarini em arena para intercâmbio de experiências, informações, técnicas e até pistas.

Depois de um hiato forçado nos últimos dois anos, o seminário voltou a ocorrer entre os últimos dias 5 e 7 de agosto. E não foi só o calor enorme deste peculiar verão europeu que esquentou o evento. Nas semanas precedentes ao seminário, alguns crimes chamaram atenção da comunidade que costuma encontrar-se em Amelia: um ataque à Monalisa, no Louvre, em Paris; a invasão, em plena luz do dia, à feira de arte TEFAF, em Maastricht, na Holanda; além do protesto dos ativistas climáticos do grupo “Ultima Generazione”, na Galeria Uffizi, em Florença, que colaram suas mãos na “Primavera”, de Sandro Botticelli. Neste mês de outubro, ativistas do grupo Just Stop Oil jogaram sopa de tomate na obra “Sunflowers”, de Van Gogh, exposta na National Gallery, em Londres. Com a indústria do turismo a todo vapor e os museus superlotados, os riscos parecem ter aumentado para as obras de arte.

Entre os palestrantes deste ano em Amelia, estava a policial belga Kim Covent, assessora da polícia de Ghent, onde desenvolve um trabalho em parceria com o Museu de Belas Artes da cidade e integra o *Ghent Research Institute for Art and Cultural Heritage Crime and Law Enforcement* (Grace). Com mais de 12 anos de experiência, Covent



FOTO: DIVULGAÇÃO/JUST STOP OIL

Neste mês de outubro, ativistas do grupo Just Stop Oil jogaram sopa de tomate na obra “Sunflowers”, de Van Gogh, exposta na National Gallery, em Londres

combina sua formação em educação e jornalismo para desenvolver métodos e treinamentos sobre habilidades de observação, comunicação não verbal e teoria da mente dirigidas à construção de um modelo de barreiras contra o roubo de arte.

Um pouco antes dela embarcar para a Itália, eu conversei com Kim Covent em Ghent, Bélgica, durante o meu período como professor visitante na Faculdade de Direito da Universidade local. Contei-lhe que João Pessoa inaugurou, recentemente, dois museus (o da Cidade e o da Polícia Militar) e se prepara para inaugurar um terceiro, no Palácio da Redenção, com a história da Paraíba. Também contei sobre a reabertura do Museu do Ipiranga e a possibilidade de Foz do Iguaçu abrir uma filial de um grande museu internacional. Falamos sobre crimes com obras de arte, a segurança dos museus e outros temas do patrimônio cultural.



■ O mundo ficou surpreso ao assistir, há alguns meses, a um ataque à Mona Lisa, no Louvre, um dos principais museus do mundo. A senhora é uma das maiores especialistas em segurança de museus da atualidade. Como avalia esse ataque?

Em maio, a obra-prima de Da Vinci foi vítima de uma tentativa de vandalismo no que parece ter sido um protesto climático. A obra foi atacada por um visitante que simulou uma deficiência para usar uma cadeira de rodas e se aproximar do quadro, instalado em uma vitrine. O visitante era um homem de 36 anos usando uma peruca e se passando por uma idosa. A meu ver, as implicações deste ataque são três, antes, durante e após o ataque.

A primeira pergunta que vem à mente é se alguém percebeu que o agressor estava vestido de forma estranha (ou disfarçado) ou simulou uma deficiência. Nós imediatamente pisamos em terrenos perigosos, assumindo que isso poderia ter sido detectado de antemão. Há uma linha tênue entre observar os sinais de alerta, as bandeiras vermelhas, e violar a privacidade das pessoas. Você deve sempre se concentrar em desvios de comportamento. O que é comportamento suspeito? Gostamos de resumir o comportamento suspeito como um comportamento que se desvia da linha de base e é ilógico, indesejável ou ilegal. Se o agressor não mostrasse desvios particulares da linha de base de um visitante do museu, então suas roupas ou cadei-

ra de rodas não deveriam levantar grandes bandeiras vermelhas ou sinais de alerta. Mesmo se ele tivesse se levantado da cadeira de rodas para andar, tenho certeza de que o museu ainda teria permitido que ele se movesse na frente de outros frequentadores do museu para ver melhor o trabalho. Não cabe aos seguranças decidir quem pode ou não reivindicar a necessidade de uma cadeira de rodas. Como um aparte, eu ainda esperava que o segurança ficasse de olho no homem para ver se ele mostraria algum comportamento suspeito, já que um jovem se vestindo como uma senhora idosa poderia ser rotulado como ilógico.

A segunda questão diz respeito à reação imediata dos seguranças. Todo o incidente aconteceu na frente de muitas pessoas e foi capturado por câmeras. Não havia seguranças ao lado da pintura que guardava a Mona Lisa, mas eles chegaram rapidamente ao local e o agressor foi com eles de bom grado. A pintura é protegida pelo vidro Guardian Clarity™ à prova de balas, que só precisou de uma higienização rá-

Kim Covent dá dicas de como manter um museu em segurança: "Há uma linha tênue entre observar os sinais de alerta, as bandeiras vermelhas, e violar a privacidade das pessoas. Você deve sempre se concentrar em desvios de comportamento"

Kim Covent

“

Podemos perguntar se o Louvre tirará lições disso. Eles mudarão aspectos de sua estratégia de segurança? Aposto que não. A curto prazo, isso faz sentido

pida para ser limpo. A pintura não foi danificada. Não há necessidade justificável de colocar um guarda ao lado da Mona Lisa, mas tenho uma pequena reclamação com a maneira como a limpeza do glacê foi feita para o mundo inteiro ver, pois não era muito reverente e a imagem da pintura manchada viverá para sempre em muitas memórias. Por que a área não foi evacuada o mais rápido possível?

Em terceiro lugar, podemos perguntar se o Louvre tirará lições disso. Eles mudarão aspectos de sua estratégia de segurança? Aposto que não. A curto prazo, isso faz sentido. A pintura sobreviveu ileso à provação e as precauções necessárias foram tomadas. Mas à luz de ataques futuros, o Louvre pode considerar negar o acesso a certos itens menores. Os métodos de protesto estão em constante evolução e isso nos obriga a estar sempre alerta.

■ Nos últimos anos, a senhora desenvolveu duas metodologias complementares para a proteção dos acervos dos museus, o "Behind Enemy Minds" e, em seguida, o "Barrier Model". Poderia, brevemente, explicar o que são essas ferramentas?

"Behind Enemy Minds" é o conceito integrado da Polícia de Ghent que combina observação, tomada

de perspectiva, avaliação de riscos e ação intencional para adicionar uma camada extra de segurança aos locais, prevenir ativamente o crime e interromper com sucesso ataques em andamento ou etapas em um ciclo ou estratégia de planejamento criminal. Ele combina policiamento preditivo, “red teaming”, prevenção situacional e observação avançada de estratégias inimigas para interromper os ataques inimigos.

Tudo começou com foco no perfil preditivo e detecção de comportamentos, mas desde então evoluiu para um programa mais amplo que se distancia do perfil e do reconhecimento comportamental, enfatizando o conhecimento sobre a perspectiva criminal e as decisões sobre medidas de prevenção situacional do crime que podem ser obtidas com essas ferramentas. Esses métodos agora estão sendo usados, entre outros, por unidades antidrogas, unidades disfarçadas e unidades contra batedores de carteira.

A Polícia de Ghent também desenvolveu recentemente um inovador “Barrier Model” contra o crime de arte em cooperação com a polícia federal belga, o Museu de Belas Artes de Ghent, a polícia nacional holandesa, a Faro (uma organização flamenga para a proteção da arte e do patrimônio) e consultores de segurança. Os modelos de barreira são ferramentas inovadoras, usadas tanto pelas administrações quanto pelas forças policiais. A metodologia foi adotada oficialmente pelo governo belga em seu Plano de Segurança Nacional 2022-2025.

O roubo de arte, onde o valioso patrimônio artístico e cultural é levado de um local predominantemente de baixa segurança (museus, igrejas, coleções particulares), é um fenômeno fortemente ligado às atividades do crime organizado. Além disso, o crime de arte alimenta uma série de atividades criminosas relacionadas: receptação de bens roubados, falsificação, fraude financeira (por avaliadores, seguradoras)... Essa colcha de retalhos requer uma abordagem integrada. O “Barrier Model” contra o crime de arte mapeia as fases criminais, destaca oportunidades e facilitadores em cada etapa e descreve as bandeiras vermelhas. Seu objetivo é listar e resumir todas as barreiras e medidas preventivas conhecidas para a proteção do patrimônio ar-



FOTO: ARQUIVO PESSOAL / KIM COVENT

“Behind Enemy Minds” combina observação, tomada de perspectiva, avaliação de riscos e ação intencional para adicionar uma camada extra de segurança aos locais

tístico e cultural, agregando novos *insights* e possibilidades. Finalizamos o modelo em novembro de 2021, o apresentamos ao público durante uma conferência em abril de 2022 e o publicamos [em holandês] no livro “Crime Descoberto: Modelos de Barreira como Instrumentos Inovadores contra Fenômenos Criminais” (Vanden Broele, 2022). O Capítulo 4 trata do Modelo de barreira aplicado ao crime de arte. As técnicas discutidas em “Behind Enemy Minds” realmente auxiliam na escolha e implementação das barreiras discutidas no “Barrier Model”. Ao assumir a perspectiva do inimigo e atacar sua estratégia, conseguimos selecionar os meios mais adequados para proteger contra o crime todos os atores envolvidos.

■ *A partir da década de 1990, houve uma certa profissionalização nos museus. Cada vez mais, os museus terceirizam suas equipes de segurança e, assim como os bancos, contratam empresas de segurança privada. Como é a relação da polícia belga com os museus e essas empresas de segurança?*

A cooperação de longa data entre a polícia de Ghent e seu Museu de Belas Artes é excepcional. O diálogo e os treinamentos que estabelecemos

entre nossas organizações ainda não foram copiados por outras forças policiais ou museus em sua área. O sucesso em Ghent se deve a relações interpessoais e oportunidades que talvez não estivessem disponíveis ou acontecendo em outras cidades. No entanto, verificamos que estão a desenvolver-se parcerias cada vez mais fundamentadas entre a polícia e as organizações que empregam a segurança (privada). Há também a sinergia com sindicatos, organizações internacionais e o mundo acadêmico. Ainda assim, acho que não há colaboração e intercâmbio suficientes entre as autoridades policiais e seus parceiros. Em parte, isso se deve ao protecionismo e à relutância dos policiais em abrir suas investigações ao público e correr o risco de quebra de sigilo ou erros processuais. No entanto, por causa dessa atitude, corremos o risco de ficarmos isolados e atrasados. Espero que a maior divulgação do “Barrier Model” possa mostrar o caminho a seguir. O modelo oferece uma estrutura para colaboração integrada onde, idealmente, todas as partes sabem o que se pode esperar delas e como elas se relacionam.

■ *Aquele guarda de museu que costuma pedir aos visitantes que não tirem fotos ou se aproximem de uma pintura realmente desempenha um papel importante na segurança de uma obra de arte? Ele é capaz de evitar um roubo de um quadro?*

Há muito o que descompactar nesta questão. A gama de tarefas dos guardas profissionais de museus hoje em dia é maior do que nunca. Eles desempenham um papel importante? Sim! Em primeiro lugar, eles são responsáveis pela segurança no local. Em segundo lugar, cumprem uma importante função de hospitalidade. Os guardas do museu garantem a segurança e o bem-estar das pessoas, bem como das obras de arte e do edifício, observando que os visitantes seguem todas as regras e regulamentos. É aqui que eles ficam pedindo para não tirar fotos ou se aproximar de uma pintura. Contribuem para os procedimentos de segurança (incêndios, roubos, acidentes...), sinalizam anomalias no edifício e instalações diversas e comunicam quaisquer incidentes. Além disso, gerenciam a recepção e o acompanhamento do público, fornecendo informações e orientações.



De Hieronymus Bosch a Rubens e Magritte: o Museu de Belas Artes de Ghent é um dos mais importantes da Europa

Eles são responsáveis por evacuações, bloqueios e primeiros socorros até a chegada de serviços profissionais de emergência. Os guardas do museu podem impedir um roubo? Sim, os guardas desempenham um papel vital na prevenção de roubos. Os aspectos de segurança os fazem vigiar todas as salas e áreas do museu. Durante suas rondas podem observar anomalias, relatar incidentes, detectar desvios no comportamento do visitante e desencorajá-lo a agir de forma não autorizada. Quando eles mudam suas rotinas, eles adicionam uma certa imprevisibilidade. Quando eles envolvem os visitantes em conversas, eles tiram o anonimato e avaliam as intenções ou motivações do orador.

Vejamos três cenários diferentes: um roubo improvisado, um assalto planejado e um assalto à mão armada. Um roubo improvisado só acontece quando uma oportunidade se apresenta, geralmente na forma de ausência de pessoal de segurança ou tecnologia. Assim, se os guardas estiverem presentes e atentos, reduzem imediatamente qualquer chance de um crime espontâneo. Um assalto, por outro lado, é um ato organizado e geralmente segue um ciclo de planejamento de alguma forma. Há a seleção do alvo, uma fase de coleta de informações e planejamento, alguma vigilância por parte dos perpetradores e provavelmente uma simulação, antes de passar pela execução real seguida de fuga. Em qualquer fase deste ciclo, os guardas formam uma barreira substancial para os criminosos, um obstáculo que eles precisam considerar. Os guardas podem alterar o resultado

até e incluindo a execução de um roubo. Se a atuação dos guardas e a estratégia geral de segurança forem suficientemente desencorajadoras, você pode até evitar um assalto.

■ *E os cenógrafos, como eles podem contribuir ou deteriorar a segurança de uma exposição em um museu?*

Geralmente, há uma tensão entre cenógrafos e gerentes de segurança do museu porque ambos abordam uma exposição a partir de lados opostos. Na maior parte dos casos, os cenógrafos não têm uma grande preocupação em relação à segurança, mas temos visto uma evolução positiva ultimamente. O diálogo entre cenógrafos e gerentes de segurança no início do processo de concepção e organização de uma exposição permite um caminho mais suave para uma conclusão bem-sucedida. Reunir essas pessoas em torno da mesa melhora o respeito e a compreensão mútuos, destacando seus objetivos comuns. A cenografia molda uma exposição e influencia o impacto geral que ela tem no público. Ao mesmo tempo, o público deve se sentir seguro e a arte deve ser mantida a salvo dentro do design que a cenografia oferece. Isso significa que não pode haver painéis escondendo câmeras ou bloqueando a linha de visão. Nenhum esconderijo extra pode ser oferecido ou uma escuridão que

convide a travessuras. Cenógrafos inovadores podem oferecer soluções de segurança em seus projetos e realizar barreiras invisíveis como parte dos objetivos artísticos da exposição.

■ *Que papel a senhora atribuiria, hoje, à tecnologia na segurança dos museus? Ela é essencial ou o ser humano ainda é, de fato, essencial?*

Eu explico a questão da tecnologia versus capital humano usando a teoria científica dos vasos comunicantes. Você precisa de ambos, mas sua contribuição pode variar em quantidade, desde que eles se equilibrem. Se você investir apenas em pessoal ou tecnologia, seu nível de segurança cairá até que uma camada baixa e espalhada permaneça. Após uma avaliação de risco, você deve ser capaz de identificar os riscos de segurança em seu museu e as medidas que você pode e deseja tomar para mitigar esses riscos. Parte desse processo é influenciado pelo seu apetite ao risco, seu orçamento e as prioridades estabelecidas pela diretoria do museu. Você deve combinar várias medidas relevantes nas áreas organizacional, arquitetônica, eletrônica e de segurança cibernética.

Câmeras e *software* podem captar sinais e alertar mais rápido do que nunca – mas devem direcionar os guardas de segurança em campo para um efeito ideal. É bom ter um sistema de controle de acesso automatizado com crachás – mas se sua arquitetura deixa certos espaços abertos, você precisa ajustar sua estratégia e investir em construção ou pessoas. Todos os aspectos de segurança são importantes, mas o ser humano é essencial.

■ *Eu sei que, com alguma frequência, a senhora vai ao exterior para compromissos profissionais. O “Behind Enemy Minds” e o “Barrier Model” têm sido exportados para outros países?*

Tive a oportunidade de falar sobre nosso conceito em vários lugares na Bélgica e no exterior. Já falei sobre o “Behind Enemy Minds” em conferências da Europol, em Haia, da Arca, na Itália, da Asis Benelux (associação internacional de profissionais de segurança) e nas conferências anuais da Sociedade Europeia de Criminologia. Apresentei o meu trabalho ao conselho da Agência da União Europeia para a Formação Policial (Cepol) na Finlândia. Atualmente,



Se você investir apenas em pessoal ou tecnologia, seu nível de segurança cairá até que uma camada baixa e espalhada permaneça

Kim Covent

lidero um treinamento conjunto da Cepol com colegas da Alemanha, Suíça e Holanda. Chama-se 'Behind Enemy Minds' e inclui um grande assalto ao museu no Museu de Belas Artes de Ghent. O treinamento combina nossas técnicas de observação e insights de segurança com comportamento não policial, leitura de linha de base, questionamento de segurança e um workshop sobre modelos de barreira. O treinamento acontecerá na primeira semana de dezembro.

■ *Em um crime ainda hoje sem solução, em 1934, alguém entrou na Catedral de St. Bavo, em Ghent, e roubou dois painéis do espetacular retábulo "A Adoração do Cordeiro Místico", dos irmãos Hubert e Jan van Eyck. O roubo é considerado um dos mais importantes crimes com obras de arte da história e o caso ainda está aberto, sob investigação. Desde 1º de janeiro de 2022, a unidade da Polícia Federal Belga especializada no combate ao tráfico de bens culturais não está mais ativa, após decisão da ministra do Interior Annelies Verlinden, que alegou falta de recursos financeiros. A decisão foi muito criticada no exterior. Há*

alguma perspectiva de a decisão ser revertida? Como é, hoje, o contato da polícia belga com as polícias estrangeiras, já que a criminalidade com arte é global?

É lamentável que a polícia federal belga tenha sido solicitada a fechar seu departamento de arte e antiguidades. A unidade era responsável pela documentação, análise e coordenação de todas as informações sobre obras de arte roubadas e combate ao roubo, falsificação e vedação de arte no país e no exterior. A polícia belga vem realizando cortes e reformas há vários anos. Em 2016 a unidade de arte foi reduzida a apenas uma pessoa que se aposentou no início de 2022. Uma ausência dolorosamente sentida no setor. A Bélgica tem um mercado de arte menor em comparação com alguns outros países, mas, no entanto, possui uma rica coleção de museus, galerias de arte e patrimônio cultural. Devido à nossa localização central na Europa e aos nossos portos, a Bélgica desempenha um papel importante como centro de trânsito para transações internacionais e crime organizado. Uma obra de arte roubada sai facilmente do país em 24 horas.

Arte roubada hoje em dia é mais frequentemente usada no mercado negro, para financiar o terrorismo e para lavar dinheiro. Há também o sequestro de arte e a exigência de resgates, algo que extorpe principalmente as companhias de seguros. Há os saques contínuos em países em guerra. Os próximos fenômenos incluem mercados digitais e criptomoedas. A ascensão do mercado de arte digital com a expansão dos Non-Fungible Tokens (NFTs) é uma nova área de

preocupação para as agências de aplicação da lei. O anonimato e a volatilidade dos preços dos NFTs criam um ambiente único para os criminosos. A luta contra o crime artístico requer uma abordagem internacional, integrada e integral, na qual a polícia belga não deve estar ausente.

A Itália, França e Holanda têm departamentos especializados na investigação de crimes artísticos e tráfico ilícito de bens culturais. A Bélgica não. Quando comecei a trabalhar com esses temas, notei que havia uma grande demanda dos museus para se conectar com a polícia e o governo sobre questões de segurança. Ao mesmo tempo, isso foi captado pelo mundo acadêmico. A Faculdade de Direito da Universidade de Ghent nos procurou e em 29 de março de 2022 fundamos juntos um centro de pesquisa e conhecimento. O GRACE, que significa Ghent Research Institute for Art and cultural Heritage Crime and Law Enforcement, une o mundo acadêmico e os profissionais da luta contra os crimes de arte e patrimônio cultural. Os membros da rede incluem representantes da polícia local e federal, alfândegas, departamentos de Ciências da Arte, Química, Arqueologia e Criminologia da Universidade de Ghent, o Museu de Belas Artes de Ghent, FARO e parceiros do setor de segurança privada. Nossa primeira conferência está planejada para 27 de fevereiro de 2023 no Museu de Belas Artes de Ghent e planejamos publicar na mesma época um livro. Nossos esforços para fortalecer nossa abordagem sobre crimes artísticos estão decolando e estou muito animado com isso. ✖

Marcílio Franca é membro do Comitê Jurídico da International Art Market Studies Association e é árbitro da Court of Arbitration for Art (Rotterdam, Holanda), da Organização Mundial de Propriedade Intelectual (WIPO) e do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul. É docente da Universidade Federal da Paraíba e foi professor visitante das faculdades de direito das Universidades de Pisa, Turim e Ghent. Pós-Doutorado em Direito no Instituto Universitário Europeu (Florença, Itália). Procurador-Chefe da Força-Tarefa do Patrimônio Cultural do Ministério Público de Contas da Paraíba.

◆ afinal, o que quer uma mulher?

Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com



O Vestido

Comprei esse vestido para usar numa festa. Pinteí as unhas, escoveí os cabelos, useí o batom que carrego na bolsa. Estava acompanhada de uma alegria adolescente. Creio que por isso optei pelo tênis. Tênis e vestido, par perfeito. Ao chegar à festa, expectativa, fantasia e o lúdico juntos, invadindo tudo em mim. O moço que me fascinava estava lá, semanas de apreensão teriam enfim um desfecho. Nada melhor do que se encantar por alguém, o desconhecido que pode transmutar-se em íntimo. O novo traz a possibilidade de tudo se modificar. As palavras ditas que alimentam um sonho por dias a fio.

Para momentos únicos é preciso testemunhas, levei a minha. Uma nova amiga que viera das bandas do Sul e sempre reclamava por minha presença. Gostava de seu jeito, o sotaque era bonito e a moça também. Eu a escolhi como cúmplice, mas não avisei, ansiava que ela percebesse minha escolha. A amizade é construída por observações, o afeto é tecido por delicadezas.

No segundo momento do evento, aquele em que tudo se acalma para depois o riso se fazer presente, fui a no-

caute! Roubaram o que me movia. (Será que se rouba isso? Rouba-se alguém? Acho que não, mas tem quem saiba estar apenas para atrapalhar.) Quando menos percebi, minha testemunha estava lá, olhando para ele. Eu não existia mais, virei fantasma. Ele me olhou confuso. E ela continuou a me ignorar. Voltamos a ser só nós: eu, o vestido e o tênis.

E o inevitável aconteceu. Fui apunhalada por aquela a quem dediquei minha admiração... De repente, o festim virou velório. Ela o beijou, sem pudor. Como escreveu Augusto: "A mão que afaga é a mesma que apedreja". Todos naquela festa sabiam de minha paixão pelo moço de cabelos angélicos, inclusive ela, a amiga sem alma. Começou ali meu enterro. Ainda bem que os defuntos que outrora eram pálidos e frios atualmente são maquiados e perfumados como eu. No meu jazigo, estava cravado: "Aqui jaz a esperança". Senti ódio, sobretudo do vestido. Com esse, achei que seria imbatível. Era um belo traje! Mantive minha dignidade

diante do que me apavorou com todo o meu resto de força: não entendo os egoístas, nunca os entenderei.

Mantive o brio, saí da festa para meu velório solitário. Nascemos e morremos sós. Deixei para trás o rapaz de sorriso bonito e a amiga do sotaque estranho. Ela fez sua escolha, ele já não sei. Terá sido levado pelo mesmo mar de palavras que me afogou? Não importava mais. Amaldiçoei os dois, malditos, destruíram o melhor que habitava em mim. Mataram o que imaginava ser nobre, a confiança.

Dias depois, contei tudo ao analista, aquele que me escuta como nenhum outro. Calado, ele me ouviu. Na saída, ainda atordoada com seu silêncio, ele me olhou com serenidade. Sorriu um sorriso que só ele sabe sorrir e disparou: "O vestido combina com você, dance com ele, e nunca sinta raiva do que te faz mulher". Entendi tudo. Saí de lá pensando na trilha sonora. Estou viva e pulso. Sou mulher, por isso amo. O vestido seria usado outras vezes, estava decidido.

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa.



Euclides

E A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

Quando abrimos, ao acaso, uma página de *Os Sertões*, é certo que estaremos diante de uma narrativa envolvente. Seja como descrição, seja como narração, Euclides da Cunha puxa o leitor para dentro do quadro que pinta, fazendo-o de maneira que ele passa a vivenciar espetáculo que daí resulta.

O engenheiro, o militar, o técnico, o cientista, o jornalista, todos baixam a cabeça e se submetem, de bom grado, ao escritor, ao literato, ao estilista. Quem ousaria fazer de uma página dolorosa de um dos terríveis episódios da história do Brasil, uma comparação com um espetáculo dramático da tragédia, não só em seus elementos estéticos, mas em seus elementos formais? Quem poderia fazê-lo sem parecer uma escrita

forçada, descabida ou ridícula? Nas mãos de Euclides, no entanto, vemos como se realiza na prática a máxima – “Não é o que se diz, mas como se diz”. Muitos não saberiam dizê-lo e ofenderiam a suscetibilidade dos leitores, que se sentiriam pessoalmente atingidos com a leitura de uma realidade tão cruel. Euclides não deixa de relatar o acontecido, mas o faz de maneira que o leitor, ainda que tocado pelas cenas cruas, deixe-se envolver com o acontecido e sai da experiência transformado, odiando o fato, é certo, mas exaltando a maneira como foi narrado. Maravilhado, até.

Vejam vocês mesmos, queridos leitores, a comprovação do que dizemos, no texto abaixo, uma das muitas páginas magníficas deste livro excepcional, *Os Sertões* (UBU/SESC São Paulo, 2019. “A Luta”, Quinta Parte – Nova Fase da Luta –, Capítulo III, p. 497-8, *itálicos nossos*):

“A cena – real, concreta, iniludível – aparecia-lhes aos olhos como se fora uma ficção estupenda, naquele palco revoltado, no resplendor sinistro de uma gambiarra de incêndios. Estes progrediam constrangidos, ao arrepio do sopro do nordeste, esgarçando-lhes a fumarada amarelenta, ou girando-a em rebojos largos em que fulguravam e se diluíam listrões fugazes de labaredas. Era o sombreado do quadro, abrangendo-o de extremo a extremo e velando-o de todo, às vezes, como o telão descido sobre um ato de tragédia.

Nesses intervalos desaparecia o arraial. Desaparecia inteiramente a casaria. Diante dos espectadores estendia-se, lisa e pardacenta, a imprimadura, sem relevos, do fumo. Recortava-a, rubro e sem brilhos, – uma

FOTO: REPRODUÇÃO/DOMÍNIO PÚBLICO



Euclides da Cunha, autor de 'Os Sertões': escritor não deixa de relatar o acontecido, mas o faz de maneira que o leitor deixe-se envolver com o fato e saia da experiência transformado

▶ chapa circular em brasa – um Sol bruxuleante, de eclipse. Rompia-a, porém, de súbito, uma lufada rija. Pelo rasgão enorme, de alto a baixo aberto, divisava-se uma nesga do arraial – bandos estonteados de mulheres e crianças correndo para o sul, em tumulto, indistintos entre as folhagens secas da lata. As baterias da Favela batiam-nos de frente. Os grupos miserandos, entre dois fogos, fustigados pela fuzilaria, repelidos pelo canhoneio, desapareciam, por fim, entaliscados nos escombros, ao fundo do Santuário. Ou escondiam-nos outra vez, *promanando* da combustão lenta e inextinguível e *rolando* vagarosamente sobre os tetos, os novelos do fumo, compactos, em cúmulos, *alongando-se* pelo solo, *empolando-se* na altura, num tardo ondular de grandes vagas silenciosas, *adensando-se* e *desfazendo-se* à feição dos ventos; *chofrando* a frontaria truncada da igreja nova, *deixando* lobrigar-se um pedaço de muramento esboroadado, e *encobrando-o* logo; *dissolvendo-se* adiante sobre um trecho deserto do rio; *espraiando-se* mais longe, delidos pelo topo dos outeiros...

As vistas curiosas dos que pelo próprio afastamento não compartiam a peleja, coavam-se naquele cendal de brumas. E quando estas se adunavam impenetráveis, em toda a cercadura de camarotes grosseiros do monstruoso anfiteatro explodiam irreprimíveis clamores de contrariedades e desapontamentos de espectadores frenéticos, agitando binóculos inúteis, procurando adivinhar o enredo inopinadamente encoberto.

Tendo presenciado o fato – “Fui testemunha de um deles”, diz o escritor ao se referir aos “irrefreáveis frêmitos de espanto” dos “sôfregos lutadores” (id., Capítulo II, p. 483) –, diferentemente das três expedi-

ções anteriores, Euclides vê-se na posição privilegiada do espectador que, dos degraus do anfiteatro, consegue vislumbrar o que se passa na *cena* (*skene*, tenda ao fundo do palco, na tragédia grega, em que os atores trocavam de roupa e, sobretudo, onde se passavam as cenas de que o público só poderia saber o resultado, como o enforcamento de Jocasta e a ação de Édipo furando os próprios olhos), consegue-o através do “rasgão enorme, de alto abaixo aberto” do que ele chamou de “telão descido sobre um ato de tragédia”, aumentando ainda mais a tensão trágica que ali se desenrola. E o faz num movimento intenso e contínuo, traduzido por uma das marcas mais características de seu estilo – a gradação. E não se trata de uma gradação qualquer, mas aquela que, indubitavelmente, registra uma continuidade da ação, construída com uma sequência bem cadenciada de gerúndios.

A leitura mais detida de *Os Serões* faz-nos perceber a conexão de todas as partes do livro, conforme já afirmamos em ensaios anteriores. No caso da passagem, que ora comentamos, vemos que o cenário já se encontra pronto desde a disposição geográfica dada às montanhas, em “A Terra” (Capítulo II, p. 35), com a visão do arraial de Canudos feita a partir do alto da Favela:

“Em roda uma eclipse majestosa de montanhas...

A Canabrava, a nordeste, de perfil abaulado e simples; a do Poço de Cima, próxima, mais íngreme e alta; a de Cocorobó, no levante, ondulado em seladas, dispersa em esporões; as vertentes retilíneas do Calumbi ao sul, as grimpas do Cambaio, no correr para o poente; e, para o norte, os contornos do Caipã – ligam-se e articulam-se no infletir gradual trançando, fechada, a curva desmedida.”

Canudos era a “depressão maior” que se via circunscrita no entorno das colinas. Está pronto o cenário da guerra, o “anfiteatro irregular” (“A Terra”, Capítulo III, p. 42), onde se encontra o soldado morto e mumificado, descrito em página brilhante; o “anfiteatro amplíssimo”, à maneira de um “coliseu monstruoso”, por onde corre, para o levante, o Vaza-Barris (“A Luta”, Parte IV – Quarta Expedição, Capítulo III, p. 371) –, as colinas são o anteparo, onde se concentra a melhor visão do espetáculo; o arraial de Canudos é a arena, onde as forças se digladiarão, mas numa batalha em que impera o mais singular dos paradoxos – “a caça caçava o caçador” (Capítulo IV, p. 393); “os assaltantes eram, por via de regra, os assaltados” (Capítulo V – O Assalto, p. 423), e o assediador é o assediado (p. 421):

“Estava, depois de mais um triunfo, na conjuntura torturante de não poder ariscar nem um passo à frente, nem um passo atrás. Oficialmente, as ordens do dia decretavam o estado de sítio. Mas, de fato, como sempre sucedera desde 27 de junho, a expedição é que estava sitiada. Tolhia-a o arraial a oeste. Ao sul os altos da Favela fechavam-se-lhes atravancados de feridos e doentes. Para o norte e o nascente, se desenrolava o deserto impenetrável.”

Enredado, o leitor não tem como escapar. Não lhe resta, senão, apreciar o deleite narrativo de um autor que não só cultua a língua, mas também a eleva estilisticamente, conduzindo-a pela tênue fronteira entre a realidade e a ficção, em que o vislumbre inicial da “eclipse majestosa de montanhas” transforma-se em “monstruoso anfiteatro”, testemunha de uma tragédia sem conta. ◀

Revisitando Lygia Fagundes Telles

José Mário da Silva
Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: NILTON FUKUDA/ESTADÃO CONTEÚDO

Está na Escritura Sagrada, mais precisamente na curta e sumamente instrutiva epístola de Tiago, a certa sentença segundo a qual a nossa vida não passa de uma neblina que sobe e logo se desvanece. A metáfora, bela em sua formulação conceitual e incisiva em sua dimensão existencial, aponta para a ontológica provisoriedade que a todos nos toca, sem exceção e sem distinção. Assim sendo, somos todos neblinosos, portadores de prazo de limitação em nossa frágil e finita travessia terrena. Lygia Fagundes Telles, luminosa dama da literatura brasileira, teve encerrado o seu itinerário, entre nós, no domingo, 3 de abril do presente ano, aos 98 anos de idade, numa existência tão longeva quanto fecunda, sobretudo a que se plasmou, no plural território da criação literária, para cujo fulgurante universo, a notável escritora Lygia Fagundes Telles foi vocacionada irresistivelmente, nele se configurando como um dos mais emblemáticos nomes da moderna literatura brasileira, em cujo estuário ela construiu, ao longo de mais de meio século de ininterrupta atividade criativa, uma carreira sólida, consolidada, respeitada dentro e fora da geografia nacional, tendo sido alvo de numerosos, multiplicados e consagrados estudos emanados da crítica literária especializada.

Pluridimensional por qualquer ângulo que a queiramos apreciar, Lygia Fagundes Telles foi, sobretudo, uma devota da literatura; literatura que sempre se configurou, diria Machado de Assis, numa espécie de segunda alma, da elegantíssima escritora paulistana e universal. Literatura essa que era a ponte de que ela se instrumentalizou, com solene e amorosa paixão, para chegar ao coração, à alma, à mente, ao corpo, ao ser integral do outro, para quem ela escre-

*Lygia Fagundes Telles:
paralelamente à excelência
estética a ser permanentemente
perseguida, o escritor precisa ter a
alta consciência da missão social
que lhe pesa sobre os ombros*

▶ via, dado que a arte literária jamais será uma atividade intransitiva, uma mera aventura da linguagem, antes, há de ser, como o foi com a criadora de *A Disciplina do Amor*, uma enaltecida fraternidade do espírito, um gesto superior de acolhimento e compaixão, notadamente para com os que, imersos em um mundo cercado de sofrimento por todos os lados, anelam encontrar, na palavra transfiguradora da literatura, abrigo, refúgio, e consolo, promessa, enfim, de uma felicidade a que se pode ter acesso, nas asas de um lépido e sedutor pássaro chamado leitura. Aliás, em múltiplos depoimentos que deu, em perspectiva confessional e metalinguística, Lygia Fagundes Telles sempre pontuou que, paralelamente à excelência estética a ser permanentemente perseguida, o escritor precisa ter a alta consciência da missão social que lhe pesa sobre os ombros. Missão social não no sentido de ser o escritor um militante partidário desta ou daquela ideologia política, o que, ao fim e ao cabo, apequenaria a obra e a transformaria num redutor e passageiro panfleto, mas sim no de ser a testemunha do seu tempo, aquela que confere vez e voz a quem de vez e de vez se acha destituído.

Eis o indeclinável projeto estético e existencial de que se impregnou o amplo e esplendoroso sistema literário que Lygia Fagundes Telles legou às letras nacionais. Ficcionalista primorosa, tanto no campo no conto quanto no do romance, Lygia Fagundes Telles foi uma mestra que se consumou e se consumiu na arte-ciência de observar a vida, bem como de recriá-la em estórias repletas de refinamento técnico e substancialidade humana. Para o mestre Eduardo Portella, ícone maior da crítica literária de base poética, Lygia Fagundes Telles constituiu-se numa “narradora do mínimo – máximo, a arquiteta de interiores. Mas no interior dos quais transitam passantes que se cruzam na rua e na vida. Quase diria no sentido de que se localiza no detalhe, no traço esquivo, e em seguida os integra – universaliza. O olhar infatigável, tudo recolhe e reprograma”.

Todo esse movimento que desliza do espaço privado para a encenação pública, Lygia Fagundes Telles

sempre comandou com a aliciante arquitetura composicional inerente a uma linguagem poética, alusiva, densa em todas as suas formulações conceituais. Linguagem que mais insinua que revela, dada que cercada de ambiguidade por todos os lados. Por esse patamar, não há como ignorarmos as indeslindáveis vinculações do imaginário de Lygia Fagundes Telles com aquele que foi engendrado pelo paradigmático Bruxo do Cosme Velho, o genial Machado de Assis, que, com a enorme lucidez que sempre o caracterizou, costumava dizer que gostava da realidade, do realismo, não, entendendo que a realidade, em suas dimensões constitutivas, transcende, inteiramente, qualquer moldura estética ou periodológica que a queira aprisionar.

Assim, na magnífica ficção produzida pelas hábeis mãos da criadora de *Conspiração de Nuvens*, o real nada tinha de engessado ou enfeixado dentro de plataformas previsíveis e protocolares, antes se corporificava em sua escorregadia e sedutora movência. A esse respeito, em belo ensaio consagrado à ficção de Lygia Fagundes Telles, o crítico literário, Leodegário de Azevedo Filho, nos fala de um realismo libertado, fundado na linguagem interrogativa do ser diante do mistério. Cartógrafa da realidade em suas onipresentes aparições, Lygia Fagundes Telles pontificou como uma intérprete das atormentadas almas que vicejavam nos turbulentos espaços familiares, habitados pelos disfóricos sentimentos da inveja, do ressentimento disfarçado, das competições amesquinadoras, dos amores tragados pela predatória ação do tempo, das traições de variada espécie, da solidão, enfim, vivenciada por personagens, para quem, conforme o dilacerante verso de Carlos Drummond de Andrade, a vida transformou-se “numa ordem, numa mistificação”, completamente destituída de sentido.

Conquanto pessimista, não raro corrosiva, em muitos dos seus acordes entoados, a música orquestrada pela partitura da mestra Lygia Fagundes Telles nunca assinou pacto de convivência duradoura com o nihilismo, com a rasura suicida de todos os valores, porque, no subterrâneo mais abismal da sua poderosa ficção, abrigava-se,

mesmo quase imperceptivelmente, o fio da esperança, sem o qual a vida perderia toda a sua teleologia. Aqui, de igual modo, podemos detectar a tonalidade contestatória de quem, diante da vida como ela é, ousava sonhar com a vida como ela, quem sabe, poderia ser. É que, novamente, com Eduardo Portella: “Lygia Fagundes Telles também denuncia. Sem estridência, sem escândalo, denuncia. Com o calor penetrante da voz baixa, silenciosa, e nem por isso menos certa na sua pontaria. Basta escutar a trilha sonora do *Seminário dos Ratos* e, aumentando um pouco mais o seu amplificador, ouvir, atravessando toda a sua obra, o clamor enérgico pela humanidade do homem”.

Eis, aqui, a nervura essencial da magistral criação literária de Lygia Fagundes Telles, o seu radical e indeclinável compromisso humanístico e civilizatório, que tinha no superior cultivo da língua portuguesa, o ponto de partida e de chegada de todas as suas superlativamente estéticas cogitações. Assumindo um inevitável lugar comum da linguagem, sinalizo que a morte de Lygia Fagundes Telles deixa mais pobre o Brasil, assim como a sua literatura. Para o filósofo norte-americano, Emerson, o homem é apenas metade de si mesmo, a outra metade é a sua expressão.

A expressão de Lygia Fagundes Telles, representada pela grandiosa obra literária que ela escreveu, é perene e ficará como ícone, imagem e símbolo de uma arte que, universal em seu ilimitado alcance, constituiu-se, diria Horácio, em inescável fonte de deleite e ensino. Em suma, conforme acertadamente pontuou o já mencionado Leodegário de Azevedo Filho: “Lygia Fagundes Telles é verdadeiramente uma imortal, não apenas porque pertenceu à Academia Brasileira de Letras, mas sim porque acreditava na imortalidade da palavra, muito acima da precariedade da pobre condição humana”. ✖

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

Revelação de fé

Por intermédio de epístola angelical
Recebi, sob o dom da vocação
O prazer de traçar minha missão
Com as tintas do labor celestial.

Nestas linhas fiz da jura um ideal
De lutar em Jesus com comunhão
Pelo pobre, pelo idoso e no sermão
Ser fiel à doutrina eclesial!

Com verdade revelei o meu contorno,
Na justiça pus a cor como adorno
Como fonte de real inspiração...

E tracei, aos pés de um sacro oratório
Sob o olhar de Santo Afonso de Ligório
A fidúcia que me faz um bom cristão!

Soneto dedicado ao Padre Tiago de Melo Correia,
C.Ss.R, missionário redentorista.

O julgamento

Vaguei na noite os olhos dos ateus
E vi a penumbra de uma risonha
Boca da qual uma língua medonha
Se alegra com a dor de quem é Deus!

Não vi sobre o discurso dos plebeus
A certeza de quem com a fé sonha
Nem tão pouco o fiel que se enfadonha
Com a morte que promove um só adeus!

Vi-me neste jogo um condenado
Sem noção de ter culpa do pecado
Que me leva ao recinto deste fórum...

Vi-nos juntos, ao sol, sermos sentenciados
Pela voz de quem nos faz calados
Sob aplauso dos que são daquele quórum!

A voz cuidadosa

No jejum de uma fala transformada
Em pedaços de uma frase que é tolhida
A frenagem busca formas que a vida
Dá origem a função que é demandada.

O silêncio é a sorte mais buscada
Por quem quer ter um norte e guarida,
Num deserto em que há noite ressequida
Só o calo traz calor à madrugada...

Não falo de um calar eterno e fundo
Onde o homem, tal qual o meditabundo
Ingere muito mais do que exsuda...

Falo de um zelo longo e duradouro
Onde a busca sem par deste tesouro
Enriquece quem com ele se saúda!

O boneco lúdico

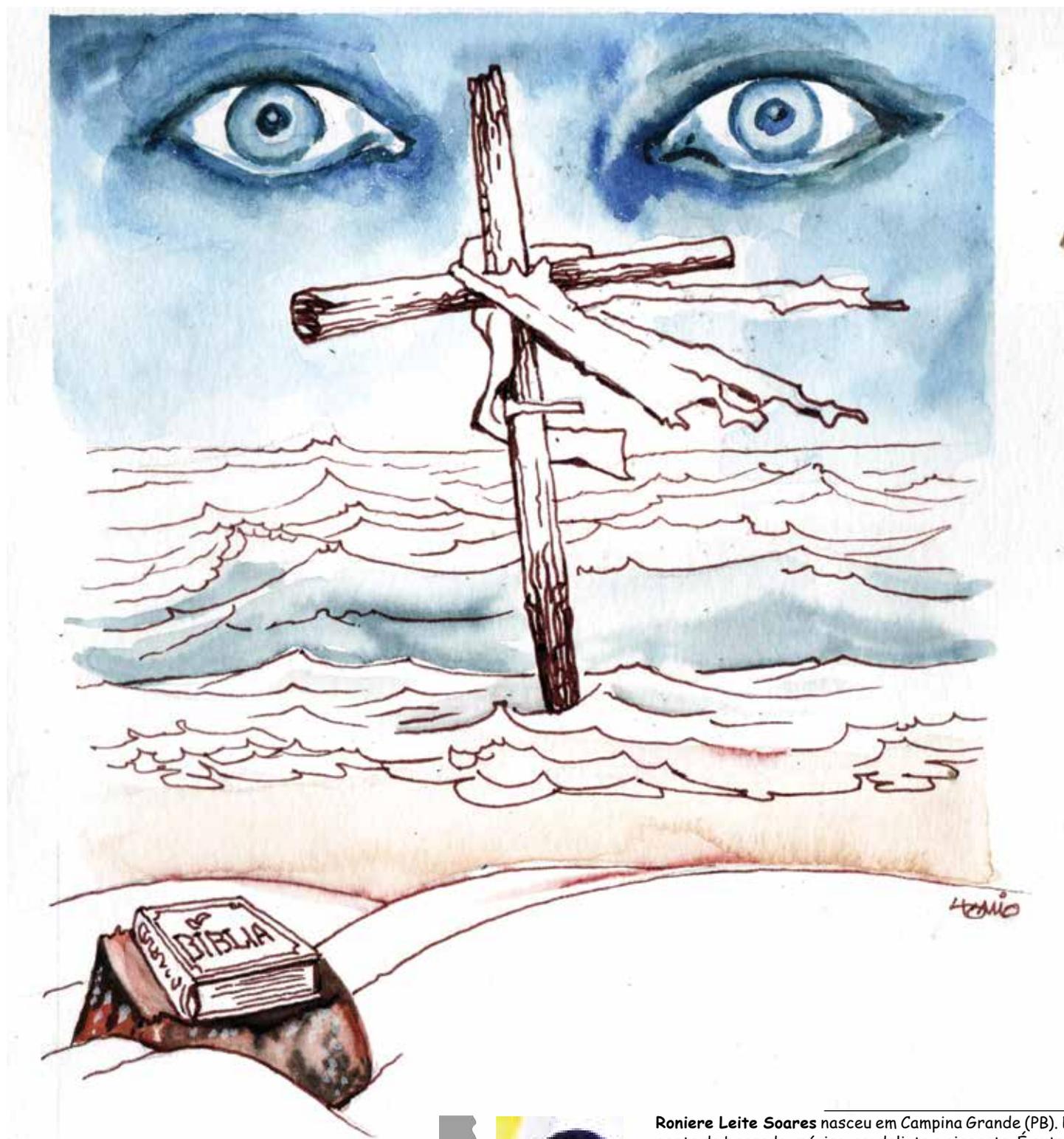
Eis aqui o fantoche camuflado
Em um ser que tem vidas aparentes
Como os corpos variados dos viventes
Em um mundo amplamente reciclado.

Sou eu este ente carimbado
Nas sombras do destino envolvente
Que do trapo me figura corpo e mente
Pelas mãos de quem fui originado.

Eis-me vestido de farrapos e poeiras
Enfeitando as diversas brincadeiras
Na rotina que faz jus à sua cria.

Sou aquele que pode ser qualquer um
Com poder de ser todos ou nenhum
E molambo cuja alma é sem valia!

Leite Soares



Roniere Leite Soares nasceu em Campina Grande (PB). É poeta de bancada, músico, cordelista e cineasta. É autor de 13 folhetos de cordel. Produziu e dirigiu o documentário "Os Trinta Poetas", reconhecido em 09/06/2016 pela ANCINE - Agência Nacional de Cinema, como produto do cinema brasileiro (Nº B16-003830-00000). Por causa disso, foi atribuído ao mesmo, como produtor/diretor, a categoria pessoal de agente econômico do cinema, sob o Nº 32965.

Centenário de Darcy Ribeiro

O TRIUNFO DE UM EDUCADOR

Fernando Melo
Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: RAIMUNDO VALENTIM/ESTADÃO CONTEÚDO



Neste mês de outubro, precisamente no dia 26, foi lembrado em todo o país, o centenário de nascimento de Darcy Ribeiro, mineiro de Montes Claros. É impossível falar dele sem lembrar *O Povo Brasileiro*, trabalho esse que levou quase toda sua existência como antropólogo, etnólogo, professor, educador, fundador da Universidade de Brasília, fundador da CIEPs no Rio de Janeiro, escritor, romancista, poeta, contista, ensaísta, ministro de Estado e senador e que teve a felicidade de trabalhar em épocas diferentes, com os dois maiores brasileiros do século passado: o humanista Marechal Cândido Rondon e o educador Anísio Teixeira.

Ao que pese ter passado praticamente a metade da sua existência sendo perseguido por um câncer no pulmão, veio a falecer em Brasília, no dia 17 de fevereiro de 1997, com a idade de 74 anos. Muito já se disse sobre ele ao longos dos anos. Portanto quero centrar minha atenção no seu trabalho junto com Rondon e com Anísio Teixeira.

Vejamos a seguir as impressões que Rondon causou ao então jovem de pouco mais de 20 anos Darcy Ribeiro: ▶

Darcy Ribeiro, em foto de 1995: mineiro é bastante lembrado por 'O Povo Brasileiro', obra que condensa quase toda sua existência enquanto antropólogo, etnólogo, professor e educador

▶ O HUMANISTA RONDON

“Fiquei galvanizado instantaneamente pela bela figura índia de Rondon, pela dignidade de sua fisionomia, pela energia do seu olhar, pela naturalidade de seu mando. Ali estava o bravo homem que trocara a cátedra de professor de astronomia da Escola Militar pela missão de realizar os ideias de Augusto Comte, na selva brasileira. Tendo se convertido ao positivismo como religião, a seu juízo não podia exercer a cátedra, porque passara a ser um sectário. Essa opção filosófica é que regeu todo o final de sua carreira, que o levava desde os inícios como soldado raso recrutado da região bororo de Mato Grosso até o posto de marechal

Darcy Ribeiro teve a felicidade de trabalhar com os dois maiores brasileiros do século passado: o humanista Marechal Cândido Rondon e o educador Anísio Teixeira

que lhe foi concedido pelo Congresso Nacional.”.

Acredito que o momento mais emocionante da vida de tantas emoções que teve Darcy Ribeiro, foi quando a pedido de Rondon, foi representá-lo nas cerimônias fúnebres do Cacique Cadete, chefe dos índios bororo e amigo de Rondon há mais de 40 anos.

Diz Darcy Ribeiro que “levei comigo um aparelho de gravação com uma fita ditada por Rondon, em que dizia em língua bororo aos Bororo:

“Olhem este homem. É o Darcy. Ele está aí no meu lugar. Estou velho, não aguento mais uma viagem longa do Rio até aí. Olhem bem para ele. Seus olhos são meus olhos, olhando tudo para vir me contar. Seus ouvidos são meus ouvidos. Eles ouvem tudo o que vocês disserem para repetir aqui para mim. Prestem atenção na sua boca. Tudo que ele falar, sou eu, Rondon, quem está falando ao Bororo.”

No seu livro autobiográfico “Confissões”, Darcy Ribeiro conta-nos que Rondon morreu com as mãos nas suas mãos, “dizendo trêmulo, frases do catecismo positivista: “Os vivos são conduzidos pelos mortos; / O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”.

Darcy Ribeiro também conta nesse livro de memórias, que um neto de Rondon, sacerdote, quis levar seu corpo para uma recomendação na igreja católica. “Não consenti. Ele foi velado no templo positivista. De lá para o cemitério São João Batista, onde eu disse a oração fúnebre”.

O EDUCADOR ANÍSIO TEIXEIRA

Já disse uma vez e agora repito: sem Rondon e sem Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro não seria Darcy Ribeiro. Vejamos o que ele diz e que comprova bem o que afirmo:

“Anísio Spinola Teixeira representou para mim o que fora Rondon em outro tempo e dimensão. Baixinho, irrequieto, falador, mais cheio de dúvidas que de certeza, de perguntas que de respostas. Anísio me ensinou a duvidar e a pensar. Ele diz de si mesmo que não tinha compromissos com suas ideias, o que me escandalizava, tão cheio eu estava de certezas. Cuspei a compreender que a lealdade que devemos é a busca da verdade, sem nos apegarmos a nenhuma delas...”

“Anísio exerceu uma influência muito grande sobre mim. Tanto que costume dizer que tenho dois alter egos. Um, meu santo-herói, Rondon, com quem convivi e trabalhei por tanto tempo aprendendo a ser gente. Outro, meu santo-sábio, Anísio. Por que santos os dois? Sei lá ... Missionários cruzados, sim, sei que eram. Cada qual de sua causa, que foram ambas causas minhas. Foram e são: a proteção aos índios e a educação do povo.”

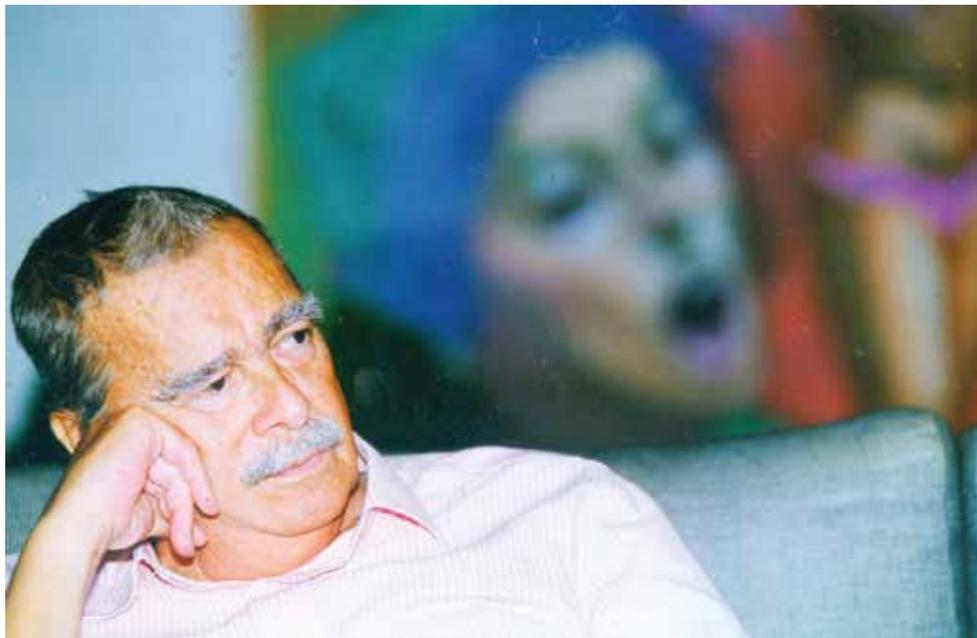
MEU ENSAIO NA AMAZON

Nesses três anos de pandemia fiquei isolado e passei a ler e estudar a vida e a obra de Darcy Ribeiro. Como era de esperar, aprendi muito, aprendi bastante e passei a ter uma visão do Brasil de forma privilegiada.

O que eu podia fazer eu fiz para deixar um ensaio modesto sobre esse estudo que espero, de forma otimista, que a juventude estudiosa desse país possa conhecer um pouco do que representa Darcy Ribeiro para a verdadeira História do Brasil

Esse meu trabalho já foi concluído e pode ser adquirido através da Amazon, Com.Br. ✖

FOTO: RAIMUNDO VALENTIM/ESTADÃO CONTEÚDO



Fernando Melo é jornalista, historiador, biógrafo, novelista e balzacólogo. Mora em João Pessoa

NOËL ROSA

O Poeta da Vila

Francelino Soares de Souza
Especial para o *Correio das Artes*

Compositor, intérprete, mas, sobretudo poeta. Mesmo com sua voz, considerada pequena para os tempos dos chamados cantores profissionais, como Francisco Alves, Vicente Celestino e Orlando Silva, Noël Rosa era um autêntico sambista carioca, compositor criador de grandes sucessos, no entanto, sua característica maior é atribuída à sua verve poética, o que o fez, com todos os méritos líricos e poéticos, ser cognominado de “o Poeta da Vila”. Já desde os seus primeiros textos, ele fazia jus à admiração dos observadores de plantão. Com domínio sobre os versos, criou composições que chamavam a atenção, a partir do próprio nome desses textos poéticos: ‘A. B. Surdo’; ‘Marcha da prima... Vera’; ‘Não faz, Amor’; ‘Você só ... mente’. Algo que, talvez, tenha feito escola. O próprio Chico César, no mesmo estilo, nos deu o emblemático ‘Respeitem meus cabelos, brancos’. (Qualquer semelhança terá sido mera coincidência).

Os antecedentes genéticos de Noël provinham de família de classe média razoável. Seu avô materno, Eduardo Corrêa de Azevedo era médico, com origens em Cantagalo-Rio, e sua avó era uma prezada professora. Eduardo tinha acen-



De voz pequena, Noël Rosa se sobressaiu como um autêntico sambista carioca, ressaltando sua verve poética nas canções que criou

ILUSTRAÇÃO: REPRODUÇÃO/INTERNET

▶ tuada vocação literária, tornando-se reconhecido autor de dois livros de poemas. Marta de Medeiros Rosa, a mãe de Noël, era uma dos três filhos do casal. O pai deste, Manuel Medeiros Rosa, era natural de Leopoldina-MG, filho único, cuja mãe enviuvou um ano após o casamento. Isso fez que, com o menino Manuel, objetivando a prover o sustento da mãe, rumasse para Juiz de Fora, de onde depois se mudou para o Rio.

As origens humildes fizeram com que ele passasse a trabalhar no comércio, mas, de inteligência invulgar, sozinho aprendeu a ler e escrever em francês e inglês e a desenvolver suficiente aptidão para lidar com matemática. Envolvido com o comércio, passou por altos e baixos, mas nunca abandonou seus dotes e intuição musicais, cultivando o hábito de, acompanhando-se ao violão e com voz afinada de tenor, apresentar-se em ambientes familiares, interpretando modinhas populares da época. O pai terminou a vida como magarefe (espécie de açougueiro), porém, com pouco mais de 50 anos, foi acometido de distúrbios mentais que o levaram a pôr termo à própria vida, como, aliás, já havia acontecido com a mãe dele.

Noël Medeiros Rosa nasceu e morreu no bairro de Vila Isabel – Rio (1910-1937), onde viveu toda a sua curta vida, na mesma casa (Rua Teodoro da Silva, nº. 392) que, demolida, hoje dá lugar a um edifício em cuja frente se conserva, por iniciativa dos amigos Nássara, Orestes Barbosa e Lamartine Babo, um busto que foi erigido um ano após sua morte. Em semelhantes homenagens, há mais um outro, erigido em 1987, e, ainda, um terceiro, em 1996, estátua de corpo inteiro com um garçom atendendo-o, com uma cadeira vazia para servir de apoio para os turistas que com ele quiserem posar.

Seu único irmão, Hélio, quatro anos mais novo, embora sendo também compositor e exímio violonista, dedicou-se com afinco aos estudos, graduando-se em Veterinária e Ciências Jurídicas.

A escolha do nome Noël foi da mãe dele, uma vez que o nascimento estava previsto para o Natal de 1910, tendo ocorrido dias antes, no dia 11 de dezembro, portanto antes da data prevista e de maneira traumática: foi utilizado o antigo e superado processo “fórceps”, que deixou a marca

ILUSTRAÇÃO: ACERVO JOÃO BATISTA FIGUEIREDO



Autocarroicatura a guache de Noël: do comércio ao curso de Medicina incompleto, carioca se encontrou mesmo na música

indelével na sua fisionomia, apesar de cirurgias ocorridas aos seis e aos 12 anos de idade.

“Queixinho”

Espertos e inteligentes, os filhos do casal foram alfabetizados pela própria mãe que mantinha uma pequena escola doméstica, o Externato Santa Rita de Cássia. Por parte de Noël, após alfabetizado, o antigo curso ginásial foi iniciado, em 1923, no tradicional Colégio Maisonnette, quando conviveu com os colegas de bancos escolares Lamartine Babo e Augusto Frederico Schmidt, e concluído no Colégio São Bento, em 1928. É dessa fase que lhe veio o apelido de “Queixinho” o que o levou a uma amargura que somente ia sendo superada na medida em que ele começava a ser respeitado como poeta e sambista. Para isso contribuiu a sua destreza em tocar bandolim e violão – este lhe foi ensinado pelo pai dele – para os colegas de escola o que o fazia sentir-se, tornar-se mesmo, mais importante.

Com 20 anos, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, abandonando o curso dois anos depois (1931 e 1932), quando já estava envolvido profissionalmente com a música e integrava-se à boêmia que contribuiu para lhe abreviar a vida: a bebida, o cigarro e a habitual

frequência aos cabarés de Vila Isabel marcaram presença e ocasionaram-lhe a tuberculose que lhe deu cabo à curta existência, ao tempo em que serviram de inspiração para consagradas criações.

Quando ainda era estudante de Medicina – Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, depois transferida para o *campus* da Cidade Universitária, hoje vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro –, em uma mesa no já tradicional e frequentado Café Nice, acompanhado de dois colegas que se tornaram médicos, Noël compôs a música que ele gravou no mesmo ano com o nome de ‘Coração’ – classificada grotescamente por ele como ‘samba anatômico’, em que já demonstrava sua falta de interesse pelos estudos da ciência de Aristóteles: *Coração / grande órgão propulsor / transformador do sangue / venoso em arterial*. Apesar do erro “anatômico”, a desgraça já estava feita, o disco já tocava nos rádios... De qualquer forma, aquela “não era sua praia”; tanto que, textualmente, ele se justificou: “Prefiro ser um bom sambista a ser um mau médico”.

O capítulo inicial de sua trajetória musical/profissional é marcado pela criação, em 1929, do grupo Bando de Tangarás, oriundo do anterior Flor do Tempo, de 1925, que já se apresentava em eventos estudantis e familiares, desde os tempos do Colégio Batista. A inspiração havia vindo de grupo semelhante – Os Turunas da Mauricéia – de Recife-PE, bando criado em 1926, e de que faziam parte, entre outros, Augusto Calheiros e Luperce Miranda.

Os Tangarás era composto por João de Barro (Carlos Alberto Ferreira Braga, que ficou conhecido como Braguinha), Henrique Brito, Álvaro Miranda (o Alvinho), Henrique Toréis Domingues (o Almirante) e Noël Rosa. O conjunto vocal usava, como base instrumental, violões, bandolim e pandeiro e gravou seu primeiro 78 rpm, em 1929, com enorme aceitação: no lado A, ‘Na Pavuna’ (de Almirante), que foi o sucesso do Carnaval de 1930; no lado B, ‘O orvalho vem caindo’ (Noël e Kid Pepe), de 1933. Era o início da chamada Era de Ouro do Rádio.

Dentre os muitos fugazes e/ou vulgares amores de que se ocupou em sua curta vida, alimentava a fama e a boêmia com as composições que fez para as várias paixões momentâneas, algumas das quais resultaram em cancio-

▶ neiros de nossa MPB. Citemos apenas algumas delas: a primeira delas foi a Santinha, lá mesmo de Vila Isabel, tida e havida como uma “menina levada”, acostumada a sair sozinha pela noite em busca de lugares “enigmáticos, agradáveis e deliciosos”.

Com apenas 15/16 anos, Noël, que já iniciava suas experiências de natureza sexual, já se embandeirava para ela, um tanto mais idosa do que ele, por isso mesmo mais experiente. Um pouco depois, em viagem de compromisso artístico a Porto Alegre, deixou-se arrebatado pelos amores de uma criatura de cabaré, cujo nome nunca foi revelado, mas a quem ele dizia haver dedicado o seu samba ‘Até amanhã!’ (de 1932, parceria com João Petra).

De qualquer forma, entre os muitos amores alimentados pela sua popularidade, três se destacaram: Fina (Josefina), operária de uma fábrica em Vila Isabel; era um “namoro respeitável e familiar”, já que se tratava, segundo ele “do romance mais sério de minha vida gloriosamente romântica”. Para ela, ele fez ‘Três apitos’ (de 1933), em sucesso gravado por Orlando Silva

Houve Júlia Bernardes, que Noël conheceu, em 1932, em um *dancing* da Lapa. Foi a paixão dele por ela que o inspirou na criação de alguns sucessos, como ‘Feito de oração’ (com melodia de Vadico, gravação de Aracy e por Chico Alves c/Castro Barbosa); ‘Cor de cinza’ (1933), gravada por Aracy de Almeida, após um episódio em que Julinha, por ciúmes, tentara contra a própria vida; ‘Pra esquecer’ (1933), gravada por Francisco Alves, e ainda ‘Meu barracão’ (também de 1933), gravação de Mário Reis.

Por fim, a sua Ceci (Juracy Correia de Moraes), dançarina do Cabaré Apollo, frequentado por prostitutas, gigolôs, malandros, intelectuais, artistas, policiais e boêmios, que Noël já frequentava desde os 15 anos, e foi, com certeza, a mais avassaladora e complicada de todas as paixões dele. Embora recíproco, foi o amor mais complicado o que nutriu pela morena *mignon* Ceci, que ele conheceu na véspera do São João de 1933 e por quem se apaixonou por volta de 1934, quando ela contava apenas 16 anos, e ele, 24.

Para ela, ele fez os sambas ‘Pra que mentir?’ (c/Vadico – Silvio Caldas), ‘O maior castigo que te dou’, ‘Dama de cabaré’, ‘Deixa de ser convencida’, ‘Só pode ser você’ (parceria com



Em 1934, Noël casa-se com a sergipana Lindaure, após uma “escapada” da garota da casa de seus pais

Vadico) ‘Quantos beijos’ (c/Vadico), ‘Quem ri melhor’ e o antológico ‘Último sesejo’, com versos alusivos àquele encontro numa tarde de véspera de São João, gravado em julho de 1937 (Aracy de Almeida), pouco depois da morte dele.

No mesmo ano de 1934, casa-se com a sergipana Lindaure Martins, de 13 anos, e, segundo se comentou na época, a causa do matrimônio teria sido uma “escapada” de casa por parte dela numa incerta noite. Os pais dela acionaram a delegacia, provocaram um processo, o que foi estampado em manchetes de jornais. Já esperando um filho dele, que não vingou, realizou-se o matrimônio com a inexperiente Lindaure, considerada por ambas as famílias, dele e dela, como “uma boa menina”.

Mesmo casados, os dois fixaram residência na casa dos pais dele, e ele próprio dizia que a única coisa que havia mudado em sua vida havia sido “a troca da cama de solteiro pela de casal”. Evidentemente que a cerveja, o cigarro, mas, sobretudo, a boemia fizeram-no menosprezar a esposa pela avassaladora paixão dele ainda mantida por Ceci. Assim, continuou sua vida boêmia, cantando na noite,

bebendo, fumando e farreando.

Lindaure, quando se declarou independente e resolveu trabalhar fora de casa, mereceu da parte dele apenas um samba: ‘Você vai se quiser...’, gravado, em 1936 por uma daquelas que alguns críticos musicais dizem ter sido a sua melhor intérprete: Marília Baptista (ele, porém, há havia declarado antes: “A melhor intérprete de minhas músicas é Aracy de Almeida”). Enquanto isso, Ceci ganhou algumas criações, já citadas antes, dentre as quais a mais famosa e conhecida é ‘Dama de cabaré’, também de 1936, gravada por Orlando Silva no mesmo ano.

Em 1935, quando cumpria uma exigência médica, isolado em Minas Gerais, já com os dois pulmões comprometidos, recebeu a notícia do suicídio do pai, com pouco mais de 50 anos de idade. Os momentos de tristeza, ele os afogava com o retorno à vida boêmia nos cabarés da Lapa. Fragilizando-se ainda mais, evidentemente, ainda tentou os ares puros de Nova Friburgo-RJ.

AS POLÊMICAS COM WILSON BATISTA

Capítulo à parte na atividade artística de Noël foi a polêmica musical mantida (e alimentada pela imprensa da época) entre ele e Wilson Batista. Este era fluminense de Campos-RJ (1913-1968), mas, ainda na primeira infância, foi com a família, de origem humilde, morar no Rio. Com dotes musicais, logo se enturmou com o universo carioca da malandragem, da qual se dizia adepto, fazendo, em suas criações, apologia do uso de expressões e gírias próprias, como vadiagem, orgia, gandaia... No universo musical, foi ajudado pelos “embates” alimentados por Noël Rosa, de onde surgiram sambas ainda hoje devotados pelos ensaístas do ramo. Assim é que, numa sequência memorável de bons sambas, tivemos uma polêmica de sequência cronológica, iniciada em 1933, com ‘Lenço no pescoço’: “*Meu chapéu de lado / tamanco arrastado / lenço no pescoço / navalha no bolso / Eu passo, gingando / provoço desafio. / Eu provoço desafio*”.

Noël respondeu com ‘Rapaz folgado’: “*Deixa de arrastar o teu tamanco... / pois tamanco nunca foi sandália / e tira do pescoço o lenço branco / compra sapato e gravata / joga fora essa navalha / que te atrapalha*”.

Veio a tréplica de Wilson com ‘Mocinho da Vila’: “*Você que é mocinho da Vila / fala muito em violão, barracão e outros fricotes mais / se não quiser perder o nome / cuide do seu microfone e deixe / quem é malandro em paz*”.

A resposta de Noël veio com o antológico ‘Palpite Infeliz’: “*Quem é você que não sabe o que diz / Meu Deus do céu, que palpito infeliz...*”

Já em 1935, Wilson ainda provoca Noël, com ‘Frankenstein da Vila’: “*Boa impressão nunca se tem / quando se encontra um certo alguém / que parece um Frankenstein...*”

Diante da provocação física, mas não de conotação de disputa de dotes artísticos, Noël resolve não responder, porém Wilson ainda tenta encompridar a peleja, que já lhe rendia bons dividendos populares e cria sua ‘Terra de cego’: “*Perde a mania de bamba. / Todos sabem qual é / o teu diploma no samba. / És o abafa da Vila, eu bem sei / mas na terra de cego / quem tem um olho é rei. E, finaliza: Pois não fica bonito / um bacharel brigar...*”

Diante dos “merecidos” elogios, Noël se cala e não retruca diante da então já consolidada e cimentada amizade mantida pelos dois, tendo este, inclusive, chegado a assinar uma paródia ao seu próprio sucesso ‘Deixa de ser convencida’, criação dele para Ceci, porém interpretada pelos dois, não gravada, mas interpretada em dueto na peça teatral *O Ladrão de Ovos* ou *Genoveva não sabe o que diz*, com nova letra (‘Deixa de ser convencido’), adaptada por Noël, com melodia de ‘Terra de cego’, de Wilson. Estava selado o acordo de paz...

A título de curiosidade, em 1956, a Odeon lançou um interessante álbum (10 polegadas) em que, reunidos e alternados, Roberto Paiva e Francisco Egídio – hoje, quase esquecidos – revivem, na sequência inicial, cada um no seu papel, a emblemática polêmica. (Convém conhecer).

‘Eu sei sofrer’

Duas composições musicais são emblemáticas na biografia de Noël Rosa: o samba ‘Eu sei sofrer’, de sua autoria, de 1937, e cuja gravação aconteceu no dia de sua morte, com interpretação de Aracy de Almeida e de que transcrevemos o início de algumas estrofes: “*Quem é que*

já sofreu mais do que eu? / Mesmo assim não cansei de viver / Ninguém padeceu mais do que eu...”

A outra, ‘Violões em funeral’, trata-se de um poema de Sebastião Fonseca, lido na missa de sétimo dia da morte de Noël e que foi musicado e gravado pelo seu amigo Sílvio Caldas, em 1951: “*Adeus, cigarra vadia / que mesmo em tua agonia / cantavas para viver / Tu viverás na saudade / da tua grande cidade / que não te há de esquecer. / Vila Isabel veste luto / pelas esquinas escuto / violões em funeral*”.

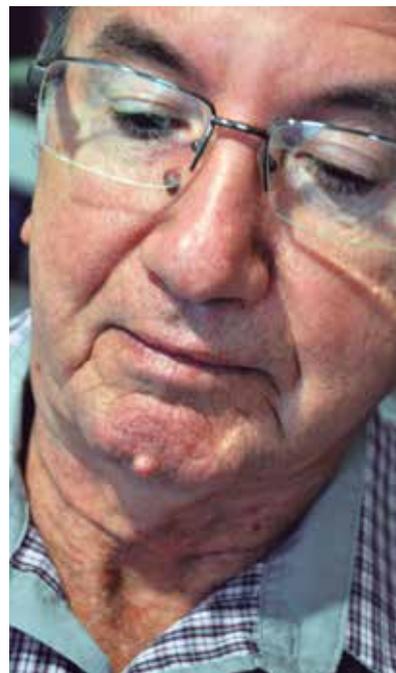
Como já explicitado antes, sua inspiração poético-musical está intrinsecamente vinculada ao seu dia a dia e, de sua enorme discografia, convém fazer alguns destaque, especialmente em atenção aos neófitos audiófilos de Noël Rosa, o que seria um bom motivo para conhecer toda a sua obra.

Seria como uma formatação de um antigo Long Play, de 12 polegadas, com 12 faixas, que bem serviriam como uma espécie de *playlist* inicial do Poeta da Vila:

1. Com que roupa (1929/1930)
– gravação de Noël
2. Um Gago Apaixonado (1930/1931)
– gravação de Noël
3. Até amanhã! (1932)
– gravação de João Petra
4. Fita Amarela (1932)
– gravação de Fco. Alves c/Mário Reis
5. O orvalho vem caindo (1933, parceria c/ Kid Pepe)
– gravação de Mário Reis c/Os Diabos do Céu
6. Rapaz Folgado (1933)
– gravação de Aracy de Almeida
7. Feitico de Oração (1934, parceria c/Vadico)
– gravação de Fco. Alves c/Castro Barbosa
8. Feitico da Vila (1934, parceria c/ Vadico)
– gravação de João Petra
9. As Pastorinhas (1934, parceria com João de Barro)
– gravação de Sílvio Caldas (1a. marcha-rancho registrada)
10. Conversa de Botequim (1935, parceria com Vadico)
– gravação de Noël
11. Palpite Infeliz (1935)
– gravação de Aracy de Almeida
12. Último Desejo (1937)
– gravação de Aracy de Almeida ou de Marília Baptista

Francelino Soares é professor aposentado pela UFPB (CCHLA/DLCV) e autor de obras memorialísticas e em nível didático. Também é colunista dos jornais *A União*, onde escreve sobre música, e no *Gazeta do Alto Piranhas* (Cajazeiras). Como memorialista, seu livro mais recente é *Portal da Memória - Um passeio pelo passado de Cajazeiras* (Ed. Arribação-2020). Mora em João Pessoa (PB).

Shakespeare aposentado



Depois de uma longa e brilhante carreira em Londres, William Shakespeare retorna a sua cidade natal, Stratford-Upon-Avon. Era o ano de 1613 quando o colossal Globe Theatre pegou fogo e foi abaixo. Sem palco para suas peças, o Bardo assume, aos 49 anos, uma aposentadoria que até a família estranha. Anne Hathaway, a esposa, não o acolhe como esperado, nem tampouco as duas filhas, Susanah e Judith.

Seu novo e modesto empreendimento agora é cultivar o jardim dessa mansão de que esteve ausente por, pelo menos, 20 anos. O sossego, porém, não é propriamente o que encontra.

A esposa não esconde seus rancores, guardados de longa data. Susanah, casada com um puritano antipático, está envolvida com a Justiça por suposto adultério. E Judith não podia ser mais agressiva, acusando o pai de ter sido subestimada em favor do irmão gêmeo, Hamnet. Segundo ela mesma, os poemas escritos e mostrados ao pai, na infância, não eram de autoria dele, mas dela, e, mais grave,

sabendo-se muito aquém do pai, o garoto teria se suicidado, jogando-se nas águas profundas de um lago vizinho.

Tudo isto, e um pouco mais, é o que está no filme *A Pura Verdade* (2018) do diretor e ator Kenneth Branagh, em exibição no Netflix.

Mas, será isto a pura verdade? Claro que não. Nem Branagh quer que seja. Como pouco ou quase nada se sabe da vida do Bardo depois de sua atuação em Londres, o cineasta tomou a liberdade de ficcionalizar essa fase final de sua vida, e o fez ao seu bel prazer. Com sua ironia, o título do filme – no original “All is true” – é, a rigor, o título provisório da última peça que Shakespeare chegou a escrever, *Henrique III*.

Na verdade, depois de Homero, Shakespeare é o escritor cuja vida privada menos se conhece. Ironicamente, existem, nos arquivos da História inglesa, mais informação sobre quem conviveu com Shakespeare (parentes, colegas de trabalho, amigos, patrocinadores, críticos, etc) do que sobre ele mesmo. Tanto é assim que todas as biografias do autor estão repletas de expressões como “é provável que”, “supõe-se que” “talvez”, “possivelmente” etc.. E nem sempre essas informações periféricas são de grande auxílio. Por exemplo: que utilidade pode se dar ao fato de que um certo comerciante londrino processou o senhor William Shakespeare por deixar de pagar um veado que lhe vendeu?

Um exemplo desse sistemático preenchimento dedutivo de lacunas está na, talvez, mais completa biografia que já se publicou sobre o autor de *Romeu e Julieta*. Refiro-me ao calhamaço *Shakespeare – Uma Vida*, do pesquisador e estudioso Park Honan, livro publicado pela Oxford University Press em 1998, e traduzido pela

FOTO: DIVULGAÇÃO/NETFLIX



'A Pura Verdade' imagina como teriam sido os derradeiros anos de William Shakespeare

imagens amadas

FOTO: REPRODUÇÃO/IMDB



Kenneth Branagh dirige e atua no filme, que, baseado em sonetos, traz à tona a provável homossexualidade do autor de 'Hamlet'

► Companhia das Letras em 2001.

A rigor, o documento mais próximo da vida de Shakespeare seria o seu testamento que, infelizmente, é muito curto – menos de duas páginas – e não ajuda quase nada na reconstituição de uma biografia.

Para dar um exemplo sintomático: por que Shakespeare deixou para a esposa Anne Hathaway a sua “segunda melhor cama”? Claro, atíça a curiosidade do leitor do testamento especular para quem teria ido a sua (primeira) melhor cama, mas especulação não é propriamente, nem necessariamente, verdade...

No filme, o roteirista Ben Elton “especula” que a mansão da família teria duas camas principais: já sexualmente separados, Anne e Shakespeare as ocupariam, cada uma delas, em seus respectivos quartos. Assim, se pôde conceber e realizar aquela cena supostamente engraçada em que a esposa, numa noite especial, convida o esposo a dormir na “segunda melhor cama da casa”, a cama dela. Obviamente, a graça só existe – uma pena! – para o espectador que chegou a ler o testamento do poeta.

Inevitavelmente, muitos dos “fatos” mostrados no filme advém das peças do autor, criativamente introduzidos como se fossem verídicos.

Aquele conselho que Shakespeare dá ao jovem fã que, em determinada cena do filme, o assedia, vem de uma das peças do autor (provavelmente de *Henrique VIII*), com a vantagem de que serve de justificativa para a própria concepção do filme. Diz o conselho: “Search within and whatever you write is true” / “Procure dentro de si, e o que você escrever será verdadeiro”. Se mudarmos “escrever” para “filmar”...

Com certeza, a criação da personagem da filha Judith, sempre antagonista, agressiva e independente, foi inspirada por traços psicológicos de personagens shakespearianas, como a Katharina de *A Megera Domada* e a Cordélia de *O Rei Lear*.

Mas um dos lances mais curiosos do filme de Branagh consiste na inclusão dos sonetos como fonte de pesquisa biográfica – uma fonte que, como é sabido, traz à tona a provável homossexualidade do Bardo.

No filme, essa homossexualidade

fica clara quando, diante da notícia da visita do Conde de Southampton, a esposa passa na cara de Shakespeare a humilhação que sofreu quando os boatos se espalharam, de que os dois seriam amantes. Se foram ou não, ninguém nunca vai poder afirmar, mas o fato inegável é que os sonetos de amor para um “handsome young man” (“belo mancebo”), foram dedicados ao Conde.

Os biógrafos podem ter dúvidas sobre quem teria sido esse “belo mancebo” por quem Shakespeare teria sido apaixonado na juventude, mas Branagh, não. Vejam a cena, curiosíssima, em que Southampton visita Shakespeare e os dois, isolados num dos compartimentos da mansão, recitam – cada um de sua vez, um na chegada, o outro, na saída – a declaração de amor que é o *Soneto 29*.

Aquele belíssimo poema que começa “When in disgrace with fortune and men’s eyes / I all alone bewep my outcast state...” (“Quando em desgraça com a sorte e a fama, eu sozinho lamento meu estado deplorável”) e se conclui assim: “For thy sweet love remembered such wealth

brings / the than I scorn to change my state with kings” (“O teu amor lembrado tal riqueza traz, que então desdenho trocar meu estado com reis”).

Um problema óbvio de *A Pura Verdade* é a falta de um fluxo narrativo consistente, falta que concede ao filme a impressão de ser apenas uma série de episódios pontuais, sem relação entre si e sem organicidade. E a razão não é difícil de imaginar: a dificuldade que teve a roteirização em combinar e manter o equilíbrio sutil entre dados biográficos díspares e esforço de coesão. Por exemplo, não se sabe se o cultivo do jardim da mansão seria fundado num dado biográfico, mas o fato é que, sempre intercalado a outras cenas, esse cultivo não pesou no drama, e pareceu só enfeite, ou enchimento de linguagem.

O elenco está perfeito, com o próprio Branagh (irreconhecível) no papel do Bardo de Stratford-upon-Avon e a grande Judi Dench como a sua desiludida e melancólica consorte, Anne Hathaway. Só não entendi bem por que o ator escolhido para o papel do (ex) “handsome young man” teve que ser esse particularmente feioso Ian McKellen, com seu narigão de bola, difícil de se imaginar como tendo sido, mesmo no passado, o alvo dos muitos poemas de amor que Shakespeare escreveu.

Não sei até que ponto o filme de Branagh vai agradar a quem nunca leu uma página da obra de Shakespeare. Nem sei tampouco se vai agradar a quem a conhece de cabo a rabo. Sei que, apesar dos problemas apontados, achei interessante esta ficcionalização assumida de um autor cuja vida privada sempre será um mistério insondável. E, a esse propósito, uma ficcionalização um pouco menos “mentirosa” do que, por exemplo, a empreendida – e super premiada – em *Shakespeare Apaixonado* (John Madden, 1998). ❖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



FOTOS: NOMAD REC/DIVULGAÇÃO

"Que tal um samba?": política e alumbramento

Mônica Salmaso (E) divide o palco com Chico Buarque (D) durante a abertura da turnê nacional 'Que tal um samba?', em João Pessoa: combinação muito rica e impactante das vozes dos dois artistas

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*

Não sou muito ligada em "com que roupa eu vou?", mas no dia 7 de setembro de 2022, amanchei pensando na roupa que vestiria para ir assistir ao show de Chico Buarque e Mônica Salmaso, no Teatro Pedra do Reino, em João Pessoa, estréia nacional da turnê 'Que tal um samba?'. Uma ocasião tão especial merece um cuidado também especial: depois de várias simulações, acabei optando por uma roupa que realçasse o vermelho, para me alinhar com o contexto político em que se insere o meu candidato, Lula, que é também o de Chico e de Mônica.

Já escrevi sobre minha admiração pelo cancionista de Chico e sobre como fui iniciada na apreciação de suas canções – cf. o texto "Todo o (meu) sentimento", publicado no *Correio das Artes* em maio de 2007, em que também falo da admiração e do respeito que sempre tive pelo cidadão Chico e suas posições políticas. Quando o documentário *Chico – Artista Brasileiro*, de Miguel Faria Jr., foi exibido, escrevi o texto "Tempo e artista", publicado no *Correio das Artes* em janeiro de 2016. Outro texto meu, também publicado no *Correio das Artes*, em setembro de 2017, foi "De joelhos vou te seguir", sobre a canção "Tua cantiga".

Enumero tais publicações tão-somente para

ilustrar meu imenso fascínio por Chico e sua obra musical, que considero uma preciosidade, um patrimônio a ser preservado (também admiro sua obra literária, mas não vou falar disso aqui).

O show 'Que tal um samba?', que tem a parceria de Mônica Salmaso, constitui um desses eventos culturais e artísticos que poderíamos denominar de alumbramento. É, de fato, uma combinação muito rica e impactante a voz desses dois na condução das canções. E mesmo quando cada um(a) canta sozinho(a), é pura poesia e beleza que se espalham no ar. Ao longo de sua carreira, a voz de Chico já se fundiu com a voz de muitas cantoras; suas canções já foram entoadas por múltiplas vozes femininas, dentre as quais, Nara Leão, Maria Bethânia, Gal Costa, Zizi Possi, Miúcha, Bebel Gilberto, Branca Lima, Adriana Calcanhotto, Mar'nalía, Beth Carvalho, Thaís Gulin, Carminho, Roberta Sá, Clara Buarque e a própria Mônica Salmaso. Mônica inclusive nos presenteou com o CD *Noites de gala*, em que canta só canções de Chico. Para ela, a obra musical de Chico constitui a opor-



Quem acompanha a carreira musical de Chico tem plena consciência da riqueza de sua obra, tanto em termos humanos, críticos e políticos, quanto em termos estéticos

► tunidade para uma verdadeira formação emocional e humana. Concorro plenamente com ela.

Quando o show ‘Que tal um samba?’ inicia, é Mônica, com sua voz ao mesmo tempo doce e potente, que se encontra no palco junto com os músicos (sob o comando do maestro Luiz Claudio Ramos), cantando sozinha as canções de Chico: “Todos juntos”, “Mar e Lua”, “Passaredo”, “Bom tempo”, “Beatriz”, “Paratodos”. Depois de cantar seis canções, eis que aparece Chico, para a recepção calorosa e emocionada da plateia e para nos fazer lembrar, de novo e sempre, que vale a pena viver para ter a chance de conhecer sua obra, de se comover com suas canções e de dançar ao som de suas melodias. A partir daí, os dois se alternam, e cantam ora em dueto, ora de modo individual.

O repertório inclui canções de tempos distintos, dentre as quais, “O velho Francisco”, “Sinhá”, “Sem fantasia”, “Biscate”, “Imagina”, “O meu guri”, “Choro bandido”, “Noite dos mascarados”, “Desalento”, “Sob medida”, “Sabiá”, “Nina”, “Blues para Bia”, “Samba do grande amor”...

Quem acompanha a carreira musical de Chico, e conhece seu cancionário, tem plena consciência da riqueza de sua obra, tanto em termos humanos, críticos e políticos, quanto em termos estéticos. É como se cada letra fosse um poema. É como se cada canção fosse uma obra-prima. Há as canções sobre as relações amorosas, inclusive com a inclusão das relações homoafetivas, e até mesmo virtuais. Há as canções sobre a miséria dos gurus e jovens pobres da periferia. Há as canções que denunciam o racismo, a des-

truição da natureza, que mostram a complexidade da relação entre pais e filhos; canções sobre a terra, o assentamento; canções sobre a opressão e a liberdade femininas; canções sobre a própria poesia. Esta enumeração de temáticas é certamente redutora e injusta, considerando a maestria e a densa engenhosidade das construções. Então, lembremos aqui a força poética de alguns versos:

“Amavam o amor proibido/Pois hoje é sabido/ Todo mundo conta/ Que uma andava tonta/ Grávida de lua/ E outra andava nua/Ávida de mar” (“Mar e lua”).

“Sim, me leva para sempre, Beatriz/Me ensina a não andar com os pés no chão/ Para sempre é sempre por um triz/ Ai, diz quantos desastres tem na minha mão / Diz se é perigoso a gente ser feliz” (de “Beatriz”).

“Com negros torsos nus deixam/ em polvorosa/A gente ordeira e virtuosa que apela/ Pra polícia despachar de volta/ O populacho pra favela/ Ou pra Benguela ou pra Guiné” (“As caravanas”).

“Mesmo que você fuja de mim/ Por labirintos e alçapões/ Saiba que os poetas como os cegos/ Podem ver na escuridão” (de “Choro ban-

dido”).

“Chega estampado, manchete, retrato/ Com vendas nos olhos, legenda e as iniciais/ Eu não entendo essa gente, seu moço/Fazendo alvoroço de mais/ O guri no mato, acho que tá rindo/ Acho que tá lindo de papo pro ar/ Desde o começo eu não disse, seu moço/ Ele disse que chegava lá” (de “O meu guri”).

O cenário de Daniela Thomas e a iluminação de Maneco Quinderé chamam a atenção para imagens e figurações presentes nas canções, ora com imagens em preto e branco, para dar conta da multiplicidade identitária e humana do povo brasileiro, como em “Paratodos”, e para ressaltar sua negritude, como em “As caravanas”, ora para fazer explodir a luminosidade do Rio de “Futuros amantes”.

Ao público não passa despercebida a homenagem a artistas paraibanos em três momentos: Jackson do Pandeiro, com uma referência em “Paratodos”; Sivuca, que partilha com ele a autoria de “João e Maria” (canção cantada em dueto no bis), além do pernambucano Luiz Gonzaga, também presente em “Tipo um baião”.

Quando a canção “Que tal um samba” foi lançada, muito se falou de sua proposta como um convite à construção de um outro tempo – diferente do tempo tenebroso que temos vivido em nosso país, sob o desgoverno do inominável –, um convite “para espantar o tempo feio/para remediar o estrago/um samba pra alegrar o dia/lavar a alma/sair do fundo do poço/juntar os cacós, ir à luta/esconjurar a ignorância/desmantelar a força bruta...”.

A canção, portanto, como tantas outras no cancionário de Chico, constitui um convite à esperança, ao recomeço, à reconstrução de um país em que sejam valorizadas a ciência, a civilização, a humanidade, a empatia – poderíamos acrescentar, a arte e a cultura. Um país em que, estando à toa na vida, possamos sonhar com um bom tempo... sim, uma boa brisa soprou: vem aí bom tempo, um tempo de esperança – ao menos, enquanto durar a música, enquanto a banda passar...Que tal um samba? ❖

Genilda Azerêdo é professora titular da UFPB e desenvolve pesquisa com apoio financeiro do CNPq desde 2009.



Perylo Doliveira e as primeiras EXPERIÊNCIAS MODERNISTAS

Publicado em 1925, *Canções que a vida me ensinou* é o primeiro livro de poemas de Perylo Doliveira (1898 – 1930). Subdividida em quatro partes (“Alegria de viver”, “Horas místicas”, “Calvário” e “Elogio do amor”), a coletânea pode ser vista como a primeira experiência, mais ou menos consciente, de prática do verso moderno na Paraíba.

É preciso dizer, contudo, que esta prática ainda é tímida, a considerarmos o artefato vérsico, quer nas suas camadas significantes, quer no seu universo temático. Isto, sem deixar de lembrar que dos trinta e quatro poemas que compõem a obra, dezessete são típicos sonetes à moda antiga.

A modernidade, portanto, em Perylo Doliveira, instala-se de maneira cautelosa, indecisa, silenciosa, sem os ousados investimentos que fizeram da poética de um Mário de Andrade, sobretudo em *Paulicéia desvairada* (1922), e de um Oswald de Andrade, já em *Pau-Brasil* (1925), exemplos característicos de uma poesia rigorosamente nova.

Adotando o verso livre e branco, isto é, sem medida definida e sem sonoridade rítmica, embora a rima seja um instrumento formal bastante utilizado na sua lírica inicial, o poeta de Araruna representa, no entanto, algo, se não propriamente de novo, pelo menos de diferente, na Paraíba da década de vinte, principalmente se o cotejarmos com o cânone dominante, bem cristalizado em vozes tipicamente românticas, parnasianas e simbolistas. Desta

virtude, pois, Perylo é detentor.

Não obstante, apesar de livre e branco, o verso de Perylo não demonstra aquele poder de síntese, aquele sentido de economia lexical, aquela substantividade, concreção e contundência minimamente exigíveis pela modernidade lírica.

Em geral, seu verso se alonga, revelando-se verboso, adjetivante, sem ritmo poético. Nele, não se materializam aqueles recursos mais radicais da poesia moderna, tais como a ruptura do ritmo espontâneo da linguagem, o choque de palavras, a montagem de vocábulos e imagens, a enumeração caótica, a mistura do coloquial e do erudito, de termos vulgares com termos “poéticos”, etc., tão presentes, por exemplo, num poeta como Augusto dos Anjos, conforme a lúcida análise de Ferreira Gullar, em “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”, introdução à *Toda a poesia de Augusto dos Anjos* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 33).

A bem da verdade, o verso peryliano é muitas vezes prosa disfarçada, pejada de palavras semanticamente esvaziadas, devido ao uso excessivo que delas fazem os poetas do passado, sobretudo os poetas simbolistas.

Um breve levantamento da área lexical pode mostrar que não são poucos os vocábulos – substantivos e adjetivos – e as expressões de nítido sabor espiritual ou religioso, sinalizando para o compromisso de Perylo Doliveira com a poética de Cruz e Souza e, na Paraíba, com as poéti- ▶

- cas de Pereira da Silva e Silvino Olavo, aos quais, não aleatoriamente, dedica partes do seu livro.

Vejam alguns exemplos: glorificação, esplendor, ósculo, calvário, míserere, misticismo, sol-poente, sombra, prece, monge, crucifixo, êxtase, hóstia, altar, hino, bênção, paraíso, inferno, céu, Deus, Jesus, luz, milagre, extrema-unção, eternidade etc., ou expressões assim: “vaso honorável do meu afeto” (em dedicatória), “ritmo lânguido de sonho”, “alma plena de gozo”, “beatífica alegria”, “amargura que crucia”, “Alto cume”, “Altos cimos”, “páramos do ideal”, “beleza varonil”, “transbordando de Ânias”, “fúlgidas estrelas”, “esplendorosas maravilhas”, “silêncio augusto e grave” e “véu mirífico de luar”.

O tecido lexical, portanto, comprova que o poeta não avança muito no sentido mais concreto da modernidade, em que pesem as estratégias do versilibrismo. Há algo de retórico na sua linguagem, mesmo que esta já não se comporte à maneira dos Américo Falcão, Rodrigues de Carvalho, Eliseu César e Carlos Dias Fernandes do passado.

Logo no pórtico do livro, deparamos estes versos:

Eu amo a Vida pela glória de viver.

*Eu amo a Vida na harmonia dos meus versos,
e na grandeza do meu sofrimento,
Amo-a, pelos instantes de tristeza
e pelas horas de melancolia,
e pelos sonhos místicos que andam dispersos
nos silêncios ignotos do meu ser.*

Para além do simples registro da maiúscula, na palavra vida (o que comumente ocorre em outras circunstâncias), comprovam a marca simbolista, na poesia de Perylo Doliveira, o tom vago e espiritual de expressões como “glória de viver”, “horas de melancolia”, “sonhos místicos” e “silêncios ignotos”. De certa forma, estes são índices textuais de um passado lírico que ainda se faz presente.

Por outro lado, Perylo não esconde sua atração, diríamos mesmo excessiva para quem se pretendia renovador, pelo recurso da rima. Mas quase nunca da rima funcional, com efeitos espirituais e psicológicos, a estabelecer correspondências entre som e sentido, conforme postula Valéry. Sua rima é puramente acústica, gratuita, convencional, a exemplo do que vemos na estrofe final do poema *transfiguração*;

*O Ideal! O Ideal é a montanha que subimos,
fugindo aos males e fugindo à Treva
que aquém dos nossos passos ficarão
E a Dor é a sombra antiga que nos leva
à transcendência dos mais altos cimos
desse Tabôr onde a Alma, enfim purificada,
se eleva para Deus, em rútila escalada,
em transfiguração!*

Face, no entanto, à onda de sonetos caldada em rigoroso modelo parnasiano, sobretudo na poesia de

FOTO: REPRODUÇÃO



Perylo Doliveira:
*modernidade instala-se
no poeta de Araruna de
maneira cautelosa, indecisa,
silenciosa, sem ousados
investimentos*

Raul Machado, Mauro Luna e Guimarães Barreto, a dicção peryliana acena, em especial no plano do significante, para algumas possibilidades renovadoras.

É preciso assinalar, contudo, que no âmbito das incursões temáticas, o poeta efetivamente não opera modificação alguma. Neste setor, sua obra de estreia ainda paga um excessivo tributo às matrizes do passado, em especial àquele fundo sentimental que vem dos românticos e àquela atmosfera abstrata de origem simbolista.

Canções que a vida me ensinou se sustenta, por um lado, em motivos de origem claramente romântica, sobretudo os de ordem subjetiva e confessional, tais como a tristeza, o amor, a melancolia, a solidão, e, por outro, num clima de vaga espiritualidade e transcendência bem característica do Simbolismo.

Textos como: “Escudo”, “A que se espera e que não vem...”, “Rosas”, “Via-láctea”, “Dona tristeza”, “Cálice de amargura”, “A lágrima” e “Falando à morte” ratificam bem o viés romântico da poesia de Perylo. A transcendência religiosa de matiz simbolista, a seu turno, fica por conta de poemas, como: “Conselho”,

▶ “Sonho – reflexo do infinito” e “Ânsia suprema”.

O telurismo, categoria de peso na tradição da lírica paraibana, também aparece na voz de um eu poético em perfeita comunhão com os elementos naturais. Descontado certo ufanismo e certo timbre retórico, poderíamos afirmar que peças, a exemplo de “Terra esplêndida”, “Aves de arribação”, “Sugestões da tarde” e, em particular, “Da Vila Branca em que nasci”, revelam um Perylo afeito ao temário da cor local, seguindo, assim, uma das mais exploradas vertentes da poesia paraibana.

O sentimentalismo, a religiosidade, a força telúrica, mesmo moldados em paradigmas tradicionais, não elidem, todavia, a presença de uma dicção com algo de pessoal.

Em *Canções que a vida me ensinou*, temos um Perylo terno solitário, um Perylo triste, mas nunca um Perylo amargo, niilista, pessimista... A tristeza, seu ícone temático que dialetiza com uma tão querida e procurada alegria, é personificada euforicamente. Diríamos que sua tristeza é a tristeza de Rilke, componente da alma humana, porta de acesso ao desconhecido. No poema “Dona tristeza”, por exemplo, é assim que se manifesta o eu poético:

*Tristeza, minha amiga, eu não me iludo
sentindo-te de pé, bem junto a mim,
num silêncio de paz e de veludo...*

*Há muito tempo que eu te vejo assim,
pálida, austera e, com teu lábio mudo,
pondo em meu lábio um ósculo sem fim.*

*E no teu seio acolho-me, tristeza,
enquanto o mundo tumultua em festa*

*porque és na minha vida de incerteza
a única ventura que me resta.*

Aliás, sobre a questão da renovação literária, deflagrada a partir de São Paulo, pelos que fizeram a Semana de Arte Moderna, aqui difundida pelo esforço de Joaquim Inojosa, Perylo Doliveira revela ter plena consciência. Consciência da necessidade de inovação dos recursos técnico-formais, estilísticos e temáticos do verso, mas também consciência de que estas novidades deveriam ser injetadas com cuidado, devido o atraso e o conservadorismo, ético e estético, do meio provinciano.

Em carta ao escritor pernambucano, datada de 06 de agosto de 1924, citada em tópico precedente, constante da Carta de Joaquim Inojosa, o poeta paraibano se mostra simpático à poesia moderna. Simpatia moderada, é verdade, talvez justificada em virtude do contexto pouco favorável às mudanças.

A moderação teórica de Perylo se cristaliza, primeiro, e de maneira ainda muito reservada, em *Canções que a vida me ensinou*, e depois, um pouco mais arrojada, embora sem ousadias nem radicalismos, em *Caminho cheio de sol* (1928) e *A voz da terra* (1930).

Em *Caminho cheio de sol*, o autor defende, em prólogo, que “a obra de um poeta deve ter como consequência lógica a verdade da beleza e não a beleza na verdade”, constituindo-se, pois, a poesia “num jogo de emoções que o subconsciente multiplica por si mesmas infinitamente”.

Ora, a ideia é a de que o compromisso básico do texto poético deva ser de natureza eminentemente estética, embora preserve, na sua estrutura técnico-literária e linguística, o mundo afetivo a envolver a subjetividade que se expressa. Em outros termos, o poeta deseja beleza, mas também deseja sinceridade e autenticidade de sentimentos.

À parte os pequenos avanços de concepção e de fatura, a segunda coletânea de Perylo Doliveira radica-se de acordo com esse postulado, decerto de fundo romântico.

No entanto, ao tom noturno, que de alguma maneira norteia os poemas de *Canções que a vida me ensinou* – tom noturno que sinaliza para a tristeza característica de toda a sua poesia – se contrapõe uma expressiva solaridade, já demarcada nos dísticos meio estribilhos de “Orientação”, poema de entrada.

*Há tanta luz no oriente!
Caminha para o lado de onde vem a luz.
.....
Homem triste;
caminha para o lado de onde vem a luz.*

O sol vai se cristalizar como elemento-chave desta poética, compondo, de modo significativo, os quadros da natureza, seja numa perspectiva eufórica, seja numa perspectiva disfórica.

O texto “Dia”, espécie de macrotexto, subtítulo 1. “Alvorada”, 2. “Ilusão”, 3. “Luz tropical”, 4. “Saudade” e 5. “Hora última”, desde o início expõe o valor dessa solaridade, a traduzir o espírito de comunhão entre o eu poético e a natureza:

*E agora o sol! Vermelho, fúlgido, redondo,
é uma enorme aranha rubra no aranhol.
.....
Manhã adulta,
toda vibrante de vozes claras
que sobem alto
retas e rápidas,
abrindo sulcos
sonoros no ar.*

A euforia desta claridade, absorvida empaticamente pelo eu poético, exemplifica-se de maneira completa no poema “Encantamento”:

*Lá vem cantando
a manhã loira
toda vestida de cores claras.
E em passos leves e furtivos
passa por mim e vai bailando
pelos caminhos fugitivos.*



*E a bailar entesoira
punhados fulgidos
de pedrarias raras
por entre as relvas úmidas.*

E agora, enquanto
o som festivo do seu canto
vibra em gorgoeio e claridades
acordando as distâncias adormecidas,
se desenrola em pensamentos ágeis
sobre o encanto das coisas renascidas.

O mesmo se poderia afirmar de textos, como “Écloga” e “A voz cheia de ânsia”, para ficarmos com a força do motivo solar, embora sob um prisma mais amplo, isto é, a natureza em outras situações, a exemplo do inverno, possamos referir, em particular, os poemas “Junho” e “Dezembro”.

Em “Junho”, a notação é toda subjetiva, terna e triste, isto é, bem peryliana, o que não disfarça, contudo, certa adesão afetiva do eu lírico para com a chuva:

Ternura de chuva caindo, caindo...
.....
*Tenho vontade de ir lá fora
banhar-me todo de melancolia.*
.....
*Ternura de chuva caindo, caindo
na manhã fria...*
.....
*Minha alma está lá fora
toda molhada de melancolia...*

Em “Dezembro”, por sua vez, tematiza-se a perspectiva de chegada do inverno, numa linguagem descritiva de imagens fortes. A presença do sertanejo, com sua esperança, imprime um tom de redenção para a natureza a que o texto refere. Vejamos alguns versos:

*No poente obscuro os relâmpagos
dir-se-iam navalhas, grandes navalhas invisíveis
cortando o céu em golpes rápidos,
mas tão rápidos que não deixam cicatrizes.*
.....
*Em caminho de casa com a foice no ombro
o sertanejo apruma o corpo forte e pára.
E antesanhando o esplendor das colheitas opimas
leva a mão em pala sobre os olhos cheios de esperança
e fita ao longe o clarão vermelho crepitante
[das coivaras.]”*

Não obstante, em peças como “Água forte”, “Flagelo”, “Flagrante” e “Sarcasmo”, a presença do sol parece iluminar “o martírio da terra”.

Aqui, aquele sol, fonte de energia vital, símbolo de vida, materializado na imagem clara das manhãs claras, espécie de sol-eros, transmuda-se em sol-tânatos, responsável pela seca, pela fome e pela desolação da paisagem.

Nesses momentos a dicção poética de Perylo de Oliveira se encrespa na aridez de uma consciência trágica, para fazer emergir, da paisagem calcinada, a dor do animal e do vegetal. Em “Água-forte”, deparamos versos assim:

*Planície calcinada.
Pedras polidas que reverberam
em cintilações violentas.
Brilhos agudos de mica
pulverizada
sobre a terra cinzenta.*
.....
*No silêncio há um coro de mugidos
profundos, compridos
como gemidos
imensos, de dor,
vibrando na alma longa dos caminhos.*

*E bem perto uma cabra faminta
morde um facheiro eriçado de espinhos.”*

E em “Flagelo”, temos:

*Multidão de galhos atormentados,
hirtos de agonia,
como braços súplices de condenados.
Braços da terra, morta de sede,
pedindo ao céu um pouco d’água.*
.....
*Gosto da revolta unânime das coisas,
grande gesto agudo
que ficou paralisado no silêncio trágico
com que as palmatórias e mandacarus
apontam o céu do alto dos serros nus.*

Outro tópico da poesia peryliana a ser observado, em seu segundo livro, reside na tematização do regionalismo enquanto “desdobramento do ingênuo e do original”, para nos valermos de uma expressão de Affonso Romano de Sant’Anna, dentro daquela modalidade de discurso que ele mesmo identifica como mimese consciente, a seu turno, uma das linhas de força da linguagem poética do Modernismo brasileiro, ao lado da paráfrase, da paródia e da mimese inconsciente.

Segundo o estudioso mineiro, em *Música popular e moderna poesia brasileira* (Petrópolis: Vozes, 1986, p. 21):

{...} um dos processos utilizados para o preenchimento do vazio descoberto entre a vanguarda europeia e a tradição brasileira foi o reencontro com os mitos nacionais através da reconstrução do que seria nossa vida primitiva. O poeta pôs-se a recontar lendas e a transcrever a tradição oral para a escrita. Assim surgiu uma solução tanto no plano formal da língua, quanto no plano do conteúdo. Adotou-se o português falado com todos os seus desvios de normas e incorporou-se à temática da literatura todo um arsenal temático mal versado nos escassos livros de folclore e costumes. ▶

- ▶ Todo um léxico antes mantido apenas em capacidade ociosa foi reempregado e os modelos sintáticos foram trazidos da realidade cotidiana e não mais dos livros. Deu-se um reencontro com as fontes orais da cultura nacional.

Ora, esse reencontro com as fontes orais da cultura nacional opera-se, em Perylo, como de resto em muitos outros poetas, através da simples reprodução fotográfica de aspectos da vida interiorana, com ênfase na coloquialidade, a exemplo do poema “Tradição”, sobretudo em versos como estes:

Noitada de S. João na vila em que eu nasci.

.....
*Estalidos de toros de fogueira
ardendo, crepitando no terreiro.
E em derredor das chamas agitadas
mãos que se apertam alegremente
em nome de S. Pedro e de S. Paulo
e de todos os santos da corte do céu:
- Adeus, comadre.
- Adeus, compadre*

.....
*A boniteza colorida de um balão
boiando subindo na treva fechada,
parecia uma bolha de sabão
daquelas que eu fazia...
E o fogueteiro murmurando:
- Sobe, sobe, balão feliz.
E eu repetindo:
- Sobe, sobe, balão...*

Tal descritivismo de pura constatação, isto é, sem qualquer implicação crítica, também pode ser notado em textos, como “Poema da rua humilde”, “Ave, cidade!” e, em especial, “Flagrante” – este menos ingênuo e já com notações daquilo que Mário de Andrade chamou de o “sequestro da vida besta”, ou seja, dessa espécie de crítica da brasilidade, tão bem exercida, por exemplo, num poeta como Carlos Drummond de Andrade, em seu primeiro livro, *Alguma poesia*, de 1930.

Leiamos, no entanto, o poema de Perylo Doliveira, para conferir:

*O ar é quente.
As árvores da rua estão quietas e caladas.
Os coqueiros parecem que estão vendo qualquer
[coisa no céu alto.
Um silêncio pesado achata-se pelas calçadas.
Solidude, Calor, Monotonia.*

*Mas, de repente,
A figura gigante de um garoto
de pés descalços e de vestes rotas
aparece num ângulo da praça amadornada e ampla
assobiando displicentemente
uma canção vulgar que todo mundo canta.”*

Em *A voz da terra*, último livro do poeta paraibano, esta vertente regional e descritivista, centrada na mimese consciente, se intensifica, pondo em cena sobretudo o motivo da infância. Trata-se de um poema longo, poema que se quer definir, conforme palavras do próprio poeta, como “um canto de ternura à terra que se ama”.

Escrito em homenagem ao Presidente João Pessoa, o texto alterna, em acentos épicos, descrições da terra brasileira e, em recortes líricos e subjetivos, evocações da infância, mesclando-se com a tradição literária através de breves recursos intertextuais, por onde se deparam as vozes de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Guerra Junqueiro e Victor Hugo.

Nele, há algo do pan-americanismo característico do primeiro quartel do século XX, em certo sentido relacionado com a ideologia da brasilidade, cultivada, no plano nacional, por um poeta, como Ronald de Carvalho, com *Toda a América* (1926), e, no plano regional, pelos poetas cearenses Jáder de Carvalho, Sidney Neto, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza, com *O canto novo da raça* (1927), e Eudes Barros, com *Cânticos da terra jovem* (1928).

Apesar de um verso mais consentâneo com a modernidade, ora em tonalidade quase prosaica, ora em síntese nominal, o conjunto do texto parece meio descosido e carente de tensão e de unidade estéticas no plano do evento, para referirmos uma categoria do pensador italiano Carlo Diano, devido ao seu artificialismo retórico e vazio. Na sua leitura, têm-se a sensação de algo forçado, quer na motivação, já tantas vezes decantada pelo autor com mais equilibrado sentimento poético, quer no plano formal da estrutura e da linguagem.

Em síntese e observada sua obra em conjunto, com seus altos e baixos, Perylo Doliveira, se não adere, a rigor, aos postulados do Modernismo, ensaia, em termos locais, os primeiros passos neste sentido. Sua poesia, transitando do Simbolismo para o Modernismo, responde por um sincero compromisso com a necessidade de atualização do microsistema poético paraibano em nível nacional. Demonstra também que a Paraíba não ficou indiferente às discussões e mesmo à prática textual mais inventiva e renovadora. ◀

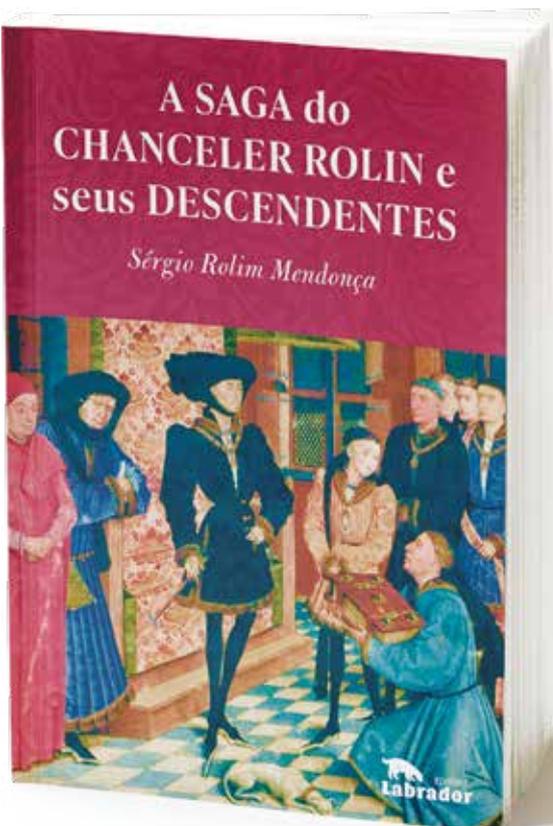
Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem, e Valeu a pena.*

O chanceler Rolin

NO CONTEXTO DA
IDADE MÉDIA

Sérgio Rolim Mendonça
Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: DIVULGAÇÃO/FILTROS DO PHOTOCOP-LUCIANO HONORATO



Livro traz a história do chanceler que deu origem à família Rolim, de Cajazeiras, e foi responsável pelos grandes tratados dos borguinhões de 1419 até 1435

que o antepassado mais antigo da família Rolim era o famoso chanceler Nicolas Rolin, nascido na Região da Borgonha, França, no final do século 14. Decidi ir a França no ano seguinte, realizar uma breve pesquisa sobre essa notável figura histórica. Daí nasceu o livro *A Saga do Chanceler Rolin e Seus Descendentes*.

Ele nasceu em 1376, na cidade de Autun, fundada pelos romanos há mais de dois mil anos, região da Borgonha, França. Aluno brilhante, ingressou como estudante de direito civil e canônico, na cidade de Dijon (hoje famosa pela produção de mostarda), aproveitando-se de incrível facilidade para a arte da oratória. Era muito influente, foi representante do duque da Borgonha, João Sem Medo, no Parlamento de Paris e, posteriormente, chanceler nomeado por Filipe, o Bom, filho do duque e sucessor do trono ducal. Ocupou essa posição durante 40 anos, acumulando grande fortuna.

No dia 1º de julho de 1435, foi inaugurado, na cidade Arras, o congresso de paz entre os armagnacs e os borguinhões, após uma negociação entre o rei Carlos VII e o duque da Borgonha Filipe, o Bom. De parte dos armagnacs, participaram o duque de Bourbon, o conde de Vendôme e Artur III da Bretanha, conhecido como o “condestável de Richmond”, todos os três, em representação ao rei Carlos VII. Filipe, o Bom, seu filho Carlos, o Ousado, futuro duque da Borgonha, e o chanceler Nicolas Rolin (o mentor do tratado de Arras, que pôs fim à Guerra dos Cem Anos (1337-1453)) representaram os borguinhões.

O chanceler Rolin foi o idealizador e construtor dos Hospices de Beaune, fundado no dia 4 de agosto de 1443, um hospital público destinado ao atendimento a pobres e desvalidos, principalmente aos portadores de enfermidades ocasionadas durante essa longa guerra. Esse hospital é, atualmente, um monumento histórico e funciona como museu da história da medicina.

Como muitos hospitais na França, os Hospices de Beaune possuíam propriedades e ativos consideráveis. No entanto, diferentemente

No final de 2017 estava a concluir meu livro de memórias, *O Caçador de Lagostas*, e um dos capítulos que escrevi versava sobre minha família Rolim, originária de Cajazeiras (PB). Meu avô Romualdo de Medeiros Rolim era neto do Comandante Vital (Vital de Sousa Rolim II). A intenção era realizar apenas uma pesquisa a partir do famoso padre Rolim até chegar à minha pessoa. Foi então que descobri

▶ dos outros, os ativos desse hospital compreendiam mais que florestas, apartamentos e outras propriedades residenciais: possuíam grandes vinícolas, como muitos lotes de videiras. Atualmente, o domínio vinícola dos Hospícios de Beaune soma 60 hectares, dos quais 50 são dedicados às cepas *pinot noir*, uma uva tinta originária da Borgonha que se tornou muito solicitada no mundo do vinho e dez às cepas *chardonnay*. No ano de 1926, foi decidido que o terceiro domingo de novembro se tornaria a data de um leilão beneficente, para a venda de vinhos produzidos pelo Hospícios de Beaune. Hoje é o mais célebre evento de caridade no mundo e organizado pela empresa de leilões Christie's.

Um dos livros mais famosos sobre a história da sociedade europeia durante os séculos 14 e 15, *O Outono da Idade Média*, foi escrito pelo historiador holandês Joahan Huizinga (1872-1945), lançado pela primeira vez em 1919. Ano passado, em comemoração ao centenário desse excelente livro, foi publicada uma edição em português pela Penguin – Cia. das Letras, baseado na

Um dos livros mais famosos sobre a história da sociedade europeia durante os séculos 14 e 15, é 'O Outono da Idade Média' (...) Nesse livro, o chanceler Rolin é citado em 10 páginas

tradução da 5ª edição holandesa de 1947. Nesse livro, o chanceler Rolin é citado em 10 páginas, enquanto, o duque da Borgonha, Filipe o Bom, é contemplado com 35 citações.

A intenção do autor era entender a arte de Jan Van Eyck e conhecer a cultura e as formas de vida e de pensamento, ou seja, a mentalidade da corte dos Países Baixos Borguinhões, durante os séculos 14 e 15. Van Eyck foi quem concluiu, em 1435, a pintura encomendada por Rolin, *A Madona do Chanceler Rolin*, obra que se encontra em exposição permanente no Museu do Louvre, em Paris.

No início do século 15, havia uma rivalidade muito grande entre as casas de Bragança e Orléans. Luís de Orléans, irmão do rei da França, foi assassinado no dia 23 de novembro de 1407, a mando do primo João Sem Medo (1371-1419), duque da Borgonha e pai de Filipe, o Bom (1396-1467), futuro duque da Borgonha, dando início à guerra civil entre os armagnacs e os borguinhões.

Doze anos depois, João Sem Medo foi assassinado, traiçoeiramente, durante um encontro solene na ponte Montereau. Esses acontecimentos geraram um século de ódio na história francesa.

O chanceler Rolin exigiu, devido ao assassinato de João Sem Medo, que as igrejas em Montereau, Roma, Dijon, Paris, Santiago de Compostela e Jerusalém relatassem o acontecido com inscrições gravadas em lápides, como sendo apenas uma parte da penitência e humilhações públicas.

Além disso, na capela da igreja de Montereau, onde João fora primeiramente enterrado, se deveria cantar um réquiem diário, por toda a eternidade. O chanceler esteve sempre presente, participando de todos esses acontecimentos, durante um pouco mais da metade do século 15.

O século 15 foi uma época de eterna angústia contra violência, injustiça, do inferno e do juízo final, peste, fogo e fome, diabo e bruxas. Por outro lado, a nobreza borguinã fazia questão de pompa grandiosa onde o clímax foi atingido na festa do duque Filipe, o Bom, na cidade de Lille, com a realização de uma série de banquetes que os nobres da corte ofereciam uns aos outros, cada qual se esforçando para ser o melhor deles.

Nesse período deslumbrante, tiveram lugar os votos para a cru-

zada contra os turcos em prol da reconquista de Constantinopla. Para os preparativos, Filipe designou uma comissão e um dos primeiros e mais próximos que participou dessa votação foi o chanceler Rolin.

A literatura do final da Idade Média é praticamente quase toda conhecida. Entretanto, em relação às artes plásticas, justamente o contrário. Existem alguns fragmentos, sobrevivendo apenas restos mínimos, com destaque apenas, para a arte sacra. A pintura do século 15 é considerada pelos críticos como se estivesse na esfera em que os extremos do místico e do materialismo grosseiro se tocam.

A extravagância da corte, nessa época (1350-1480), era tão grande que parecia ter perdido a harmonia e a leveza do espírito francês e não foi mais vista na moda de períodos posteriores. A título de exemplo, o traje de luto que Filipe, o Bom usou depois do assassinato de seu pai, para receber o rei da Inglaterra em Troyes, era tão longo que pendia do grande corcel em que cavalgava, chegando até o chão. A cultura franco-borguinã do final da Idade Média é uma daquelas em que o esplendor tendia a afugentar a beleza. A característica em toda a arte decorativa secular perdida seria a copiosa e deslumbrante extravagância.

O poder borguinão baseava-se justamente no recrutamento do poderio monetário e na criação de uma nova nobreza financeira, graças a concessões e favorecimentos. A pintura *Os Sete Sacramentos*, que está no Museu Real de Belas-Artes da Antuérpia, supõe-se que foi doada pelo arcebispo de Tournay, Jean Chevrot, que era o conselheiro mais próximo do duque e seu secretário de finanças e um dos mais respeitáveis influenciadores do grande plano da cruzada, sempre contando com a presença de Nicolas Rolin. Ele também havia doado o altar de Beaune e de Autun.

Na foto da capa de meu livro está apresentada parte de uma pintura de Rogier van der Weydan, onde Simon Nockart (secretário da província de Hainaut), aparece de joelhos, apresentando um exemplar das *Chroniques de Hainaut* ao duque Filipe, o Bom, escritas aproximadamente entre 1171-1195, ao lado do chanceler Rolin e do arcebispo Chevrot. Esta obra de arte faz parte do acervo da ▶

► Biblioteca Real da Bélgica, em Bruxelas.

A ascensão que mais impressionou aos contemporâneos foi a de que, Nicolas Rolin, o chanceler *venu de petit lieu* (de origem humilde), como jurista, financista e diplomata, era empregado nos serviços mais elevados. Os grandes tratados dos borguinhões de 1419 até 1435 foram obras dele. Segundo Chastellain, citado por Huizinga, Rolin costumava comandar tudo por si só, tratando e administrando as coisas por ele mesmo, fosse na guerra, na paz, ou no terreno das finanças. Havia acumulado de maneira um pouco suspeita, fortunas incalculáveis, que gastava numa série de doações. Porém, falava-se com ódio de sua ganância e soberba, pois não se acreditava na intenção piedosa dessas doações.

Na famosa pintura *A Madona do Chanceler Rolin*, ele aparece devotamente em frente a Nossa Senhora e o menino Jesus; outra vez, ajoelhado na obra de Rogier van de Weiden para o seu Hospício de Beaune, onde era conhecido como um homem que só se importava com os assuntos terrenos. Novamente, diz Chastellain no livro de Huizinga: “...*Ele estava sempre colhendo na terra, como se a terra lhe fosse eterna, de modo que perdeu a razão quando não quis pôr limite e medida àquilo que sua idade avançada lhe mostrava ter um fim próximo...*”. Huizinga também cita outro comentário, desta vez, por Jacques du Clercq: “... *O dito chanceler era conhecido como um dos homens mais sábios do reino, falando em relação ao temporal, pois calou-me quanto ao espiritual...*”.

É deveras importante salientar que não podemos julgar o chanceler Rolin como uma figura hipócrita. Na Idade Média, havia uma enigmática combinação entre a devoção séria, a fé imensa e os pecados capitais, como a ganância, a vaidade e a luxúria, a exemplo de personagens de destaque como Filipe, o Bom (borguinhão) e Luís de Orléans (armagnac). Torna-se necessário incluir a figura emblemática de Rolin nesse típico ético da época. É muito difícil avaliar e entender a essência de figuras históricas destacadas que viveram há mais de 600 anos.

Quando Filipe, o Bom estava acamado, nos seus últimos dias de vida, seus súditos não lhe davam más no-

tícias. Porém, quando o duque ouviu rumores da morte do chanceler, perguntou ao arcebispo de Tournay Jean Chevrot, se o chanceler havia falecido. Chevrot contestou que, na realidade, ele já estava morto, pois era velho e alquebrado e não iria viver por muito tempo. Filipe não gostou da resposta e queria saber, de verdade, se ele já havia morrido. Novamente o arcebispo respondeu que ele estava vivo, mas sofria de uma paralisia do lado direito, portanto era praticamente um morto-vivo. O duque, enfurecido, perguntou pela terceira vez, pedindo que esclarecesse com clareza o que de fato acontecera. Só então é que o prelado lhe assegurou que ele já havia deixado a vida terrena.

Nicolas Rolin faleceu em 18 de janeiro de 1461, aos 85 anos, em sua cidade natal, Autun, na mansão em que nasceu e hoje abriga o Museu Rolin. Na Idade Média, a rua onde está situado esse domicílio, chamava-se *rue des Bancs*. Foi batizado na Église Notre Dame de Châtel, localizada bem próxima à sua residência. Sua morada chamava-se *Palatium Rolinorum*; depois passou a ser conhecida como Hotel Beauchamp, e assim até 1793. Lá hoje existe uma placa onde está escrito: “Antigo Hotel de Beauchamp”, residência de Nicolas Rolin, chanceler da Borgonha que morreu no ano 1869.

Em 12 de março de 2020, como parte do projeto de ampliação do Museu Rolin, foi noticiado pela imprensa francesa o descobrimento, por arqueólogos, do túmulo do chanceler Rolin, durante escavações na Église Notre Dame du Châtel, na cidade de Autun (Saône-et-Loire). Oito crânios foram encontrados em um cofre danificado por vários saques. Em um deles, foi descoberta uma espora com a qual Nicolas Rolin foi enterrado, o que permitiu sua identificação. Análises laboratoriais foram realizadas para essa comprovação, mas os técnicos do serviço arqueológico da cidade de Autun já estavam certos que o resultado seria positivo. Segundo o medievalista Camille Couderc, pode-se assegurar essa hipótese como verdadeira. Especialmente porque dados oficiais demonstram que o chanceler Rolin foi enterrado usando um chapéu, roupas de veludo, uma gola, meias, botas e esporas douradas. ✖

Sérgio Rolim Mendonça é engenheiro civil e sanitarista, professor emérito da UFPB, ex-assessor de águas residuais para a América Latina e o Caribe do CEPIS/OPAS/OMS, membro fundador da Academia Paraibana de Engenharia (APENGE) e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

Guilherme Morais

Poema das Sete Noites

ao poeta Astier Basílio

[O tempo, Maria...]

a minha mãe

O tempo, Maria
são as coisas que não te conto.

É o teu sono
Fechando o mar dos teus olhos sobre nós
e meus poemas afogados.

É o não querer me encontrar
e os sábados
vazios pelo teu desejo.

É o silêncio da manhã nas estradas
que apenas passo
e jamais sentirei o cheiro.

O tempo, Maria
é uma invenção ética
para que a morte venha mansa,
para que a vida passe de pressa.

O tempo é o que fazemos do tempo
e não voltaremos atrás.

No meu sonho serás primeira,
segunda, terceira, última, talvez.
E todas em simultâneo.
Serás palavra antes do silêncio,
o ser antes do nada.
E porque tudo no sonho sou eu,
atores, matéria e argumento,
serás mentira e invenção da madrugada.

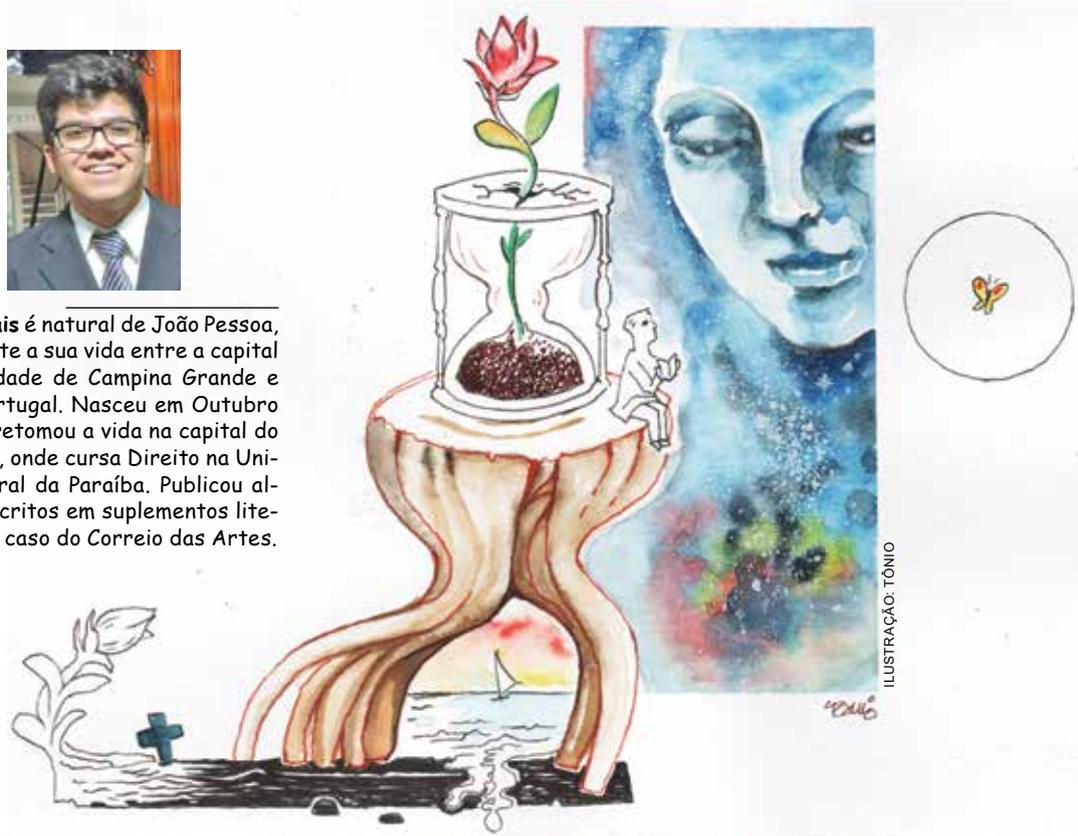
Estarei autorizado a ter saudades.
A vida é um defeito da minha imortalidade,
o sonho é o tempo no meu presente,
a insistência de futuros e passados.

Levantarei cidades, serei também inventado.
Mais certo, mais vivo, visionário.
Contarei histórias minhas e de minha gente.
No meu sonho serás sozinha,
e não será suficiente.
Sozinha não és humana,
não terás lágrimas, não serás mistério,
não ficarás doente.

Arriscarei acordar, perder teu rosto intocado,
Teu corpo sem sombra,
Teu eu reduzido de lembrança.
Seremos reais: enigmas, servos, esperança.



Guilherme Morais é natural de João Pessoa, mas viveu durante a sua vida entre a capital paraibana, a cidade de Campina Grande e Coimbra, em Portugal. Nasceu em Outubro do ano 2000 e retomou a vida na capital do estado em 2018, onde cursa Direito na Universidade Federal da Paraíba. Publicou alguns de seus escritos em suplementos literários, como é o caso do *Correio das Artes*.



Perdeu alguma edição do melhor suplemento literário da Paraíba?



MARKETING EPC

Para ter as edições anteriores do
Correio das Artes em suas mãos,
ligue: **(83) 99117-7042**
ou mande e-mail para: **circulacao@epc.pb.gov.br**

A UNIÃO



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac